



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

KARINA LILLIAN SOUZA E SILVA

**HISTÓRIA DA LEITURA EM PERIÓDICOS DE HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO NO BRASIL: A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA
EM DISCUSSÃO (1997 – 2021)**

DOURADOS – MS
2023

KARINA LILLIAN SOUZA E SILVA

**HISTÓRIA DA LEITURA EM PERIÓDICOS DE HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO NO BRASIL: A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA
EM DISCUSSÃO (1997 – 2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Professora Doutora Kênia Hilda Moreira

**DOURADOS – MS
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586h Silva, Karina Lillian Souza E

HISTÓRIA DA LEITURA EM PERIÓDICOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL:
A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM DISCUSSÃO (1997 - 2021) [recurso eletrônico] /
Karina Lillian Souza E Silva. -- 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Kênia Hilda Moreira.

Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Leitura. 2. Historiografia. 3. História da Educação. I. Moreira, Kênia Hilda. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Aquele que me amou primeiro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio.

À minha família, que sempre me apoiou. Obrigada, gente!

À Professora Dra. Kênia por ter aceitado me acompanhar nesse processo, me orientando sempre com serenidade e sensatez, buscando extrair de mim o melhor. Muito obrigada, Professora.

Aos amigos, por permanecerem ao meu lado. Obrigada, gente!

À Professora Dra. Roseli Maria Rosa de Almeida da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Câmpus de Naviraí (UFMS/CPNV), que desde a graduação me influenciou a cursar o mestrado. Obrigada, Professora Roseli!

À Suzana, amiga desde a faculdade, que mesmo sendo da linha de Educação e Diversidade, me acompanhou nessa caminhada. Nossas longas conversas por telefone ficarão na memória. Obrigada, Suzana!

Aos colegas da linha de História da Educação, Memória e Sociedade, pela parceria. Obrigada.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal da Grande (UFGD), mestrado em Educação, pelo acolhimento e por compartilhar tantos saberes que auxiliaram e fortaleceram minha formação. Obrigada.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Cultura Escrita (NEPCE) e ao Grupo de Estudos e Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES), pelas contribuições a cada encontro que enriqueceram minha formação acadêmica. Obrigada.

À secretaria do PPGEdu/UFGD, pela disposição em me ajudar e sanar todas as dúvidas. Obrigada.

À banca examinadora, formada pela Professora Dra. Estela Natalina Mantovani Bertoletti e Professora Dra. Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani, pela disposição em ler o texto e dar as sugestões para o melhoramento da minha pesquisa. Muito obrigada, Professoras.

A leitura é para a mente o que a música é para o espírito. A leitura desafia, capacita, encanta e enriquece. Pequenas marcas pretas sobre a folha branca ou caracteres na tela do computador pessoal são capazes de nos levar ao pranto, abrir nossa mente a novas ideias e entendimentos, inspirar, organizar nossa existência e nos conectar ao universo (FISCHER, 2006, p.7).

SILVA, Karina Lillian Souza e. *História da Leitura em periódicos e História da Educação no Brasil: A produção historiográfica em discussão* (1997 – 2021).

Orientadora: Kênia Hilda Moreira. 2023. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2023.

RESUMO

Nesta dissertação tem-se como proposta apresentar uma crítica historiográfica da produção intelectual sobre história da leitura, em suas diferentes vertentes, publicada em periódicos especializados em história da educação no Brasil, desde a criação dos periódicos até os dias atuais, ou seja, entre os anos de 1997 a 2021. De modo específico, objetiva-se, buscar, localizar, identificar e descrever, de modo quanti-qualitativo essas produções intelectuais, questionando sobre as abordagens temáticas e os referenciais teórico-metodológicos utilizados nas referidas publicações. A crítica historiográfica esteve pautada, ainda, pela escolha do recorte temporal e das fontes utilizadas nas pesquisas históricas localizadas. Questionamos sobre a recorrência de autores/pesquisadores e instituições nesse campo de produção. De modo geral, por meio das análises foi possível observar que as publicações levantadas tratam principalmente dos suportes e das práticas de leitura. Percebemos também que as produções partem principalmente de instituições e grupos de pesquisas das regiões Sudeste e Sul do Brasil, bem como notamos a predominância de pesquisadores da área da Educação. Além disso, as produções levantadas têm como perspectiva teórica-metodológica, principalmente a História Cultural.

Palavras-chave: Leitura; Historiografia; História da Educação.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1: Quantidade de publicações contendo o descritor “leitura” por revista.....	22
Tabela 2: Quantidade de publicações por ano nos cinco periódicos.....	23
Tabela 3: Quantidade de publicações analisadas por revista.....	24
Quadro 1: Localização regional e institucional das publicações dos cinco periódicos...	35
Quadro 2: Localização regional e institucional das publicações em co-autoria.....	37
Quadro 3: Localização regional e institucional das publicações do exterior.....	38
Quadro 4: Publicações que partem de insituições internacionais.....	39
Quadro 5: Grupos, laboratórios e centros de pesquisas informados nas produções.....	40
Tabela 4: Quantidade de publicações por período.....	43
Quadro 6: Publicações em dossiês.....	48
Quadro 7: Autores recorrentes.....	49
Quadro 8: Publicações da autora Eliane Teresinha Peres.....	50
Tabela 5: Recorte temporal das publicações.....	51
Quadro 9: Publicações em que os recortes temporais são extensos.....	54
Quadro 10: Produções acerca dos métodos de ensino da leitura.....	61
Quadro 11: Referenciais teóricos-metodológicos e autores das produções.....	65
Quadro 12: Fontes analisadas nas publicações dos periódicos eletrônicos.....	66

LISTA DE SIGLAS

ANPUH - Associação Nacional de História
ASPHE – Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação
CHE – Cadernos de História da Educação
CNPq/CAPES – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico
DGP/CNPq – Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq
ENSL – École Normal Supérieure de Lyon
FaE – Faculdade de Educação
FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
GTHE – Grupo de Trabalho Nacional em História da Educação
HISTEDBR – Grupo de Estudos e Pesquisas em “História, Sociedade e Educação no Brasil”
IFSUL – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense
INRP – l’Institut National de Recherche Pédagogique
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
RBHE – Revista Brasileira de História da Educação
RHE – Revista História da Educação
RHHE – Revista de História e Historiografia da Educação
UCS – Universidade de Caxias do Sul
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UEG – Universidade Estadual de Goiás
UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UEMS – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UÉ – Universidade de Évora
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFMA – Universidade Federal do Maranhão
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPEl – Universidade Federal de Pelotas
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
UNEb – Universidade do Estado da Bahia
UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UniEvangélica – Universidade Evangélica de Goiás
UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UNILASALLE/RJ – Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro
UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros
UNINORTE – Universidade Del Norte - Colômbia
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIUBE – Universidade de Uberaba
UNNE – Universidad Nacional del Nordeste - Argentina
UPE - Universidade de Pernambuco
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A LEITURA COMO TEMA DE PESQUISA NO BRASIL.....	27
2.1 Leitura e a educação brasileira nas publicações em História da Educação.....	27
3. CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS SOBRE A LEITURA NOS PERIÓDICOS....	34
3.1 Localização geográfica e institucional.....	34
3.2 Grupos de pesquisa.....	40
3.3 Período de publicação dos trabalhos.....	43
3.4 Pesquisadores e áreas de conhecimento.....	44
3.5 Produções em história da leitura: os tipos de texto.....	46
3.6 Recorrência de autoria.....	49
3.7 Recorte temporal das publicações sobre leitura.....	51
4. ANÁLISE DESCRITIVA DAS PRODUÇÕES SOBRE LEITURA EM PERIÓDICOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	55
4.1 “O quê?” – Os temas e conteúdos abordados nas publicações localizadas.....	55
4.1.1 Suportes de Leitura.....	56
4.1.2 Práticas de leituras e representações.....	59
4.1.3 Ensino da leitura e da escrita (alfabetização).....	60
4.2 Como?: Referenciais teórico-metodológicos das produções.....	62
4.2.1 Fontes utilizadas nas pesquisas em História da Leitura.....	66
4.3 Por quê?: Objetivos e justificativas das produções.....	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
FONTES.....	73
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES.....	83

1. INTRODUÇÃO

Considerando que a leitura é condição essencial para o desenvolvimento intelectual, social e emocional do indivíduo e, como declara Ferreira (1999, p. 2), “a leitura é um bem necessário”, a presente pesquisa, interessada na história da leitura, objetivou analisar a produção historiográfica em torno da leitura em cinco periódicos especializados em história da educação no Brasil, entre 1997 a 2021. A crítica historiográfica aqui estabelecida buscou apresentar um balanço quanti-qualitativo dessas produções, questionando sobre as abordagens temáticas e os referenciais teórico-metodológicos, em âmbito qualitativo, bem como sobre o recorte temporal e as fontes utilizadas, perscrutando ainda, no quesito quantitativo sobre a recorrência de autoria e local de produção das pesquisas.

Convém aqui atribuir o critério do interesse pessoal pelo tema, conforme Cardoso (2017), uma vez que, a partir de estudos e artigos realizados entre os anos de 2011 a 2013 no Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas e Tecnologia Educacional (GEPPETE), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – *Campus* de Naviraí, na linha de pesquisa “Leitura, Escrita e Literatura” e com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)¹ da graduação em Pedagogia (UFMS/CPNV - 2013), bem como, o TCC² da Especialização em Docência na Educação Infantil (Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, em 2016) todos referentes à temática da leitura como prática social e como uma importante ferramenta de promoção do indivíduo como ser social, sobreveio o desejo de pesquisar acerca da história da leitura em revistas especializadas em história da educação no âmbito do mestrado.

No entanto, ao ingressar na pós-graduação *stricto sensu*, o foco inicial era pesquisar sobre as práticas de leitura na primeira biblioteca pública do município de Naviraí, em Mato Grosso do Sul. Entretanto, devido à falta de fontes documentais, não foi possível prosseguir com o projeto³. A segunda tentativa de pesquisa foi a de analisar

¹ Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Práticas de leitura e acesso ao livro literário em bibliotecas escolares do Ensino Fundamental”, sob orientação da Professora Dra. Roseli Maria Rosa de Almeida.

² Trabalho de Conclusão de Curso com o título: “Programa Nacional Biblioteca da Escola: Reflexões sobre o acesso e utilização do acervo na Educação Infantil”, sob a orientação da Professora Ma. Márcia Prenda Teixeira.

³ O intuito era realizar o levantamento bibliográfico - documentos, registros e informações a respeito dos aspectos históricos da biblioteca, bem como identificar o acervo recebido por programas governamentais e entidades. Entretanto, não foi possível, pois, ao ir à biblioteca descobriu-se que não haviam documentos suficientes para a pesquisa. Foram encontrados apenas fichas de empréstimo dos anos de 2016 e 2017. Ao abordar os responsáveis pelo espaço, a resposta foi a de que não restaram documentos, uma vez que a

historicamente a produção e circulação de jornais estudantis produzidos em uma escola estadual no município, mas também não foi possível localizar fontes suficientes para análise⁴. Conforme menciona Cardoso (2017, p. 2), “a existência de disponibilidade de uma documentação abundante e adequada ao tema proposto” faz parte do critério de viabilidade para o êxito na pesquisa.

Samaran (1961, p. XII) e Lefebvre (1971, p. 17), citados por Le Goff em Documento/Monumento (1990, p. 539), declaram que “não há história sem documentos”. Lefebvre (1971, p. 17 apud LE GOFF, 1990, p. 539), afirma que “se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se”, assim, não houve a possibilidade de realização de tais pesquisas devido à falta de documentos. Além disso, em meio a Pandemia da COVID-19, suscitada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), “cabe ao historiador buscar as fontes de suas pesquisas por meio de mecanismos alternativos, sendo facilitado pelo desenvolvimento tecnológico”, como já argumentava Silva (2020, p. 2). Sendo assim, optamos por desenvolver o mapeamento das produções em história da leitura em revistas eletrônicas, tendo como foco de análise a produção historiográfica sobre a leitura no Brasil, nesse recorte temporal que compreende ao início das publicações em cada um dos periódicos especializados até o ano de 2021, quando começamos a pesquisa, com o levantamento da produção.

Acreditamos que, pensar a leitura a partir de um mapeamento de publicações em revistas especializadas em História da Educação, bem como analisar os caminhos percorridos pelos pesquisadores e descrevê-los é de grande relevância social e científica, pois, como retrata Galvão et al., (2008, p. 176) “realizar balanços de um campo intelectual implica conhecer o que nele vem sendo feito”. Além disso, influenciada por Walter Benjamin (1987), Galvão et al., (2008) ressaltam que a pesquisa configurada como balanço, “leva-nos a interrogar o *velho*, o já feito, já escrito, como estratégia para fazer expandir, dilatar e estender a compreensão que temos do *hoje* e de nossa breve experiência humana” (GALVÃO et al., 2008, p. 177, grifos dos autores). Assim, esse tipo de pesquisa, respeitando o que já foi escrito, expande a compreensão sobre a

biblioteca passou por reformas e mudanças de prédios e, por isso, os documentos foram se perdendo ao longo dos anos.

⁴ Após a primeira tentativa de pesquisa, buscou-se por jornais estudantis produzidos na década de 1970 em uma escola estadual no mesmo município. Desde o ano de 2020 a escola estava passando por uma reforma em sua estrutura, a diretora da instituição, informou que poderia haver exemplares dos jornais, mas que devido a reforma não sabia onde estavam guardados, assim não foi possível localizar fontes para tal pesquisa. O que encontrou-se a respeito desses impressos foram fotos de algumas de suas páginas, tiradas e publicadas em uma rede social.

produção acadêmica em torno da história da leitura no Brasil. De tal forma, gera novos conhecimentos, fortalece a ciência, mostra lacunas a serem estudadas, bem como fornece informações que contribuem para a pesquisa em uma determinada área (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Conforme Cardoso (2017), um dos critérios para se elaborar uma pesquisa científica é a originalidade, que visa a contribuir com algo novo ao campo do saber. Ferreira (1999) há mais de 20 anos contribuiu para a discussão em torno da história da leitura por meio de sua tese de doutorado com o título *Pesquisa em leitura: um estudo de resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. Além desta tese há artigos científicos, tais como Alves et al (2021); Brandão et al (2020); Cavalcanti, Medeiros Neta (2015); Galvão et al (2008); Hayashi et al (2008); Silva, Falcão, Medeiros Neta (2020); e Souza (2019) que se configuram como balanços/inventários/mapeamentos e, juntamente com a tese de Ferreira (1999), expõem discussões sobre as pesquisas em torno da leitura. Assim, acreditamos que a contribuição da presente pesquisa, apesar da não originalidade, esteja em somar-se e atualizar as pesquisas mencionadas, por meio das revistas eletrônicas especializadas em História da Educação.

Ferreira (1999) inventariou a produção acadêmica acerca da leitura, interrogando resumos de dissertações e teses dos programas de pós-graduação *strictu sensu* (mestrado e doutorado) nas áreas de Letras/Linguística, Biblioteconomia, Comunicação, Educação e Psicologia. A autora se propôs a organizar o *corpus* documental da pesquisa por focos de interesse. Quanto aos resultados, em síntese, Ferreira (1999) verifica que a leitura, enquanto campo de investigação, surge e amadurece nos anos do recorte de sua pesquisa, ou seja, dos anos 1980 a 1995, além de constatar que ele esteve articulado com o crescimento da pós-graduação no país. Ligado a isso, as primeiras pesquisas sobre a leitura analisadas por Ferreira (1999) foram produzidas nos cursos de Psicologia, mas a autora afirma que no decorrer do tempo, a produção nas outras áreas pesquisadas (Biblioteconomia, Educação, Letras/Linguística) aumentou significativamente. Entretanto, com o passar dos anos e com a multiplicação de instituições de cursos superiores no país, a autora relata que a produção acadêmica sobre o tema se distribuiu entre outros campos de conhecimento. A autora teve por referencial teórico, basicamente, Bakhtin (1988; 1997) e Chartier (1994; 1996; 1996; 1998), fundamentada na perspectiva da História Cultural.

A pesquisa que ora apresentamos, por sua vez, propõe-se como uma análise historiográfica da produção intelectual sobre a leitura, publicada nos periódicos especializados em história da educação, desde a criação dos periódicos, no ano de 1997 até 2021, contribuindo para este campo de investigação e considerando, como expõe Torres (1996, p. 57), que “a criação do conhecimento deve partir de uma crítica historiográfica, do arrolamento, sistematização e crítica de certa historiografia, analisando abordagens, os métodos e situando a obra historiográfica na conjuntura de sua produção”.

Ao teorizar sobre o conceito de história e historiografia, Torres (1996, p. 58) ressalta que “a historiografia corresponde ao conhecimento histórico produzido num certo período, sobre determinados temas. Esse conhecimento poderá ser científico ou ignorar a crítica documental e os pressupostos para análise”. E a crítica a respeito desse conhecimento pode ser chamada de crítica historiográfica. Essa, por sua vez, “consiste no arrolamento sistemático e utilização de um instrumental racional na análise do discurso historiográfico” (TORRES, 1996, p. 58). É a partir dessa crítica que há uma recriação do conhecimento, ou seja, surgem novos conhecimentos, bem como novos objetos do conhecimento histórico.

Conforme Torres (1996, p. 56-57):

A historiografia faz parte de um processo epistemológico e espelha a produção intelectual de um certo momento do passado. [...] Na historiografia estão os anseios de uma época, as verdades que a dinâmica social das ideias desfigurará com o passar do tempo. Portanto, a historiografia, de produção intelectual, passa a vestígios de um determinado acontecer para quem a analise, portanto, o conhecimento histórico observado a partir de uma perspectiva de historicidade em processos torna-se objeto de análise ou história-processo no plano do vestígio escrito.

A partir de tais considerações, como objetivo geral, na presente dissertação buscou-se refletir acerca da produção historiográfica sobre a leitura em revistas especializadas em história da educação no Brasil, analisando essa produção acadêmica como um “vestígio escrito” em perspectiva de historicidade em processo. De modo específico, objetivou-se: localizar, identificar e descrever, de modo quanti-qualitativo, as produções intelectuais, questionando sobre as abordagens temáticas e os referenciais teórico-metodológicos utilizados nas referidas publicações. A crítica historiográfica foi

pautada, ainda, pela escolha do recorte temporal e das fontes utilizadas nas pesquisas históricas localizadas. Questionamos também sobre a recorrência de autores/pesquisadores e instituições nesse campo de produção.

Para a análise da produção levantada, utilizamos ainda a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977, p. 38) refere-se a um “conjunto de técnicas de análises de comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. De modo geral, a análise de conteúdo expressa por Bardin (1977), busca, em um primeiro momento, ler e organizar, realizando assim, uma pré-análise dos dados coletados. Esse primeiro momento tem como base a exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Por conseguinte, é realizado uma codificação e categorização dos dados. E, em último momento, parte-se para a interpretação dos resultados alcançados que, pode ser realizado por meio da inferência.

Assim, no processo de análise quantitativa, questionou-se: de onde partem as publicações nos cinco periódicos de História da Educação? Qual o período de publicação dos textos nos cinco periódicos? Quem são os pesquisadores das publicações com o descritor “leitura” nos cinco periódicos de História da Educação? Quais áreas de conhecimento têm como tema de pesquisa a leitura? Qual a abrangência temporal das produções sobre leitura?

Utilizando o método proposto por Mortatti (1999), analisamos as publicações questionando: “o quê”, “como?”, “quem?”, “de onde?”, “quando?” e “por quê?”. Por meio de tais perguntas, objetivamos expor as tendências de pesquisas sobre a leitura no campo da história da educação, nos últimos 24 anos, ou seja, entre 1997 a 2021. Tal recorte temporal se justifica, primeiramente, pelo período de criação/inauguração das referidas revistas. O que nos permitiu, de certo modo, dar continuidade ao recorte temporal delimitado pela pesquisa de Ferreira (1999).

Na década de 1990, período que compreende o recorte inicial desta pesquisa, há uma expansão moderada na Pós-Graduação do país. Conforme Bittar (2019, p. 8), “novos temas passaram a compor o rol de interesses da pesquisa em História da Educação”. Além disso, é tido como “um momento de valorização na formação do pesquisador, melhor definição das linhas de pesquisa, maior regularidade no relacionamento com instituições de fomento e associações científicas”, como expõem Ferreira (1999, p. 41).

Procuramos estabelecer um diálogo entre o período de produção das referidas pesquisas e a constituição do campo da história da educação no Brasil. De acordo com

Bastos (2016), a história da educação brasileira não surge como um campo científico, mas como uma disciplina na formação de professoras nas Escolas Normais, em 1835. Entretanto, sua expansão ocorreu apenas no século XX. Na década de 1970, com a criação de grupos de pesquisas e eventos acadêmicos na área e, consequente com o crescimento dos Programas de Pós-Graduação no país, o campo da história da educação se expandiu e se consolidou no país. Sobre isso, Bastos (2016) elenca uma série de ações que contribuíram para tal feito:

criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPEd, em 1984; a disseminação de grupos de pesquisa vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), coordenado por Dermeval Saviani, desde 1986; a fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE (1995); a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação/SBHE, em 1999, tendo se filiado à Association internationale pour l'histoire de l'éducation/ISCHE em 2000; a constituição de grupos de pesquisas nos programas de pós-graduação e de centros de memória da educação em vários estados brasileiros; a publicação de periódicos (Revista História da Educação, ASPHE/1996); Revista Brasileira de História da Educação, SBHE/2001); Cadernos de História da Educação, UFUB-Uberlândia/2002); Revista eletrônica da HISTEDBR, 2000); a realização de inúmeros congressos – nacionais e internacionais; a publicação de livros, coleções. Por último, cabe citar a recente criação do GT História da Educação (2015) e da revista eletrônica História e Historiografia da Educação (2016), na Associação Nacional dos Professores Universitários de História/ANPUH, criada em 1961 [...] (BASTOS, 2016, p. 44-45).

Conforme as atividades listadas, o campo da história da educação se fortaleceu a partir da década de 1980, entretanto, é na década de 1990 que se intensifica, principalmente com a criação dos periódicos especializados aqui utilizados como locais de busca das pesquisas publicadas sobre a história da leitura. Os cinco periódicos especializados em história da Educação no Brasil, são: a revista *História da Educação* (Online)/ASPHE (a partir de 1997); a *Revista Brasileira de História da Educação* (a partir de 2001); a revista *Cadernos de História da Educação* (desde 2002); a revista *HISTEDBR On-line* (a partir de 2009); e, a recém criada *Revista de História e Historiografia da Educação* (desde 2017).

Brandão et. al (2021, p. 5) destacam que com o surgimento da História Cultural, as décadas de 1980 e 1990, “trazem para a História da Educação transformação temática, conceitual e metodológica, que resultaram em importantes produções que

fizeram emergir temas até então marginalizados no meio acadêmico”. Bittar (2019) realça que a partir da década de 1990, a maioria das pesquisas em História e em História da Educação, passaram a mencionar a História Cultural como referencial teórico, inclusive percebemos isso a partir das publicações que levantamos para esta investigação, nas quais a maior parte das publicações se ancoram no referido referencial teórico.

Datando a partir dos anos de 1990 e, no início dos anos 2000, Pesavento (2003) retrata que, nas universidades brasileiras, cerca de 80% da produção historiográfica estava ancorada na História Cultural. Segundo Roger Chartier (2002), a perspectiva da História Cultural surgiu da

emergência de novos objectos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc. (CHARTIER, 2002, p. 14).

De tal modo, além dos habituais documentos, os historiadores foram instigados a buscar a compreensão de uma história global das sociedades e como essas funcionavam. Para isso, começaram a pesquisar novos objetos históricos, acontecimentos do cotidiano, bem como personalidades, modos e métodos distintos dos usados até então, além de caminharem por outras disciplinas. Conforme Chartier (2002, p. 16-17), a História Cultural, tem como foco “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Assim, ampliou-se a visão, deixando de explicar os acontecimentos apenas por meio de uma história político-social e econômica, mas voltando-se às singularidades, às práticas culturais.

Enquanto parte dos estudos da História Cultural (práticas de leitura), a história da leitura nos periódicos em história da educação configura-se como tema significativo nessa perspectiva analítica, visto que possibilita inúmeras interpretações e oferece elementos para a historiografia.

Os periódicos científicos de História da Educação no Brasil

Neste tópico, apresentamos o perfil dos cinco periódicos consultados, a fim de compreender suas configurações, bem como os objetivos de criação. Acreditamos que a

exposição das características dos periódicos ajuda a compreender a seleção e exposição dos artigos científicos neles publicados.

A revista *História da Educação* (RHE), vinculada à Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), foi criada em 1997 e tem como objetivo disseminar conhecimentos relacionados à área de História e Historiografia da Educação. Vale ressaltar que este periódico recebe apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico - CNPq/Capes, e apoio institucional de diferentes universidades do Rio Grande do Sul.

A versão impressa da revista foi publicada até o ano de 2010, sob o ISSN 141-3518. No ano seguinte, 2011, passou a vigorar no formato on-line, sob o ISSN 2236-3459. A partir do ano de 2019, a periodicidade da revista passou de quadrimestral para publicação contínua e, atualmente está hospedada no *site* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, aceita para publicação textos inéditos, de diferentes formatos, como por exemplo, artigos, dossiês, resenhas, entre outros; mas devem estar, obrigatoriamente, ligados à área da História da Educação.

É importante destacar que o periódico *História da Educação* é a primeira revista brasileira especializada na área, além disso, “no ano de 2017, *História da Educação*, além de completar 20 anos de ininterrupta publicação, totalizando 53 números, foi reconhecida pela CAPES - Qualis Periódicos - com qualificação A1, o mais alto estrato do sistema”, como expõe seu editorial (RHE/ASPHE, 2022)⁵. Assim, além do número considerável de edições, a qualidade da produção intelectual permanece A1⁶.

Criada em 2000 pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), a *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) começou a circular a partir do ano seguinte, 2001. Desde o ano de 2014, está sediada na Universidade Estadual de Maringá (UEM), no estado do Paraná. Inicialmente, sua periodicidade foi semestral. No ano de 2007, passou a ser quadrimestral. A partir de 2015 este periódico deixou de ser impresso e seu acesso passou a ser exclusivamente por meio digital, sob o ISSN 2238-0094. Em 2016, a periodicidade passou a ser trimestral e, a partir de 2018, de fluxo contínuo.

Como meio de divulgação da produção científica – nacional e internacional -, a RBHE tem como objetivos “a ampla circulação do conhecimento e a promoção da

⁶ A classificação do Qualis-Periódico refere-se ao Quadriênio 2017-2020. Disponível em <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGerPeriodicos.jsf>> Acesso em 03 de ago de 2023.

discussão em torno dos diferentes problemas que permeiam o campo de pesquisa e ensino da história da educação a partir de uma perspectiva interdisciplinar e plural em termos teóricos e metodológicos”, como consta em seu editorial (RBHE, 2022)⁷.

A RBHE, quanto a qualidade na produção científica, de acordo com a avaliação da CAPES, é classificada com Qualis A1⁸.

A revista *HISTEDBR On-line* está ligada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no estado de São Paulo. O HISTEDBR foi criado no ano de 1986, entretanto a revista passou a ser publicada no ano 2000.

Esta revista visa a publicar resultados de pesquisas científicas (nacionais e internacionais) que abordam a educação enquanto fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica, bem como resenhas de obras consideradas relevantes sobre a área. A partir do ano de 2019 a revista adotou a modalidade de publicação contínua, uma vez que, antes, sua periodicidade era trimestral⁹.

Conforme a avaliação da CAPES, quanto à qualidade na produção científica na área da Educação, a revista HISTEDBR é classificada com A3¹⁰.

O periódico *Cadernos de História da Educação*, por sua vez, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU), estabelecida em Minas Gerais, no Triângulo Mineiro. Este periódico científico iniciou suas atividades no ano de 2002, em formato impresso, sob o ISSN 1807/3859. A partir do ano de 2008, passou a ser publicado em versão integral em meio eletrônico, sob o ISSN 1982-7806.

A respeito da história desse periódico, Gatti Jr. et al (2021), relata que devido

a emergência de um grupo de pesquisa em História da Educação na Universidade Federal de Uberlândia no início da década de 1990, permitiu a criação de uma linha de pesquisa dedicada à História e à Historiografia da Educação no âmbito do Programa de Pós-Graduação

⁷ Mais informações acerca da RBHE, podem ser acessadas por meio do link <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/about>> Acesso em 20 de Jan de 2022.

⁸ A classificação do Qualis-Periódico refere-se ao Quadriênio 2017-2020. Disponível em <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>> Acesso em 03 de ago de 2023.

⁹ Mais informações acerca da Revista HISTEDBR, podem ser acessadas por meio do link <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/about>> Acesso em 26 jan. 2022.

¹⁰ A classificação do Qualis-Periódico refere-se ao Quadriênio 2017-2020, disponível em <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>> Acesso em 03 ago 2023.

em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ambas iniciativas na área de História da Educação levaram à necessidade de divulgação dos resultados de pesquisa alcançados, sendo que, até então, a produção científica era veiculada principalmente no Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa em História da UFU (Cdhis/UFU), mas, com o passar do tempo, o volume de publicações excedeu a capacidade do referido Boletim, o que oportunizou a criação, em 2002, do periódico *Cadernos de História da Educação* (GATTI JR. et al, 2021, p. 4).

Assim, inicialmente o foco era divulgar as pesquisas do programa, entretanto devido à capacidade do Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa em História da UFU (CDHIS/UFU), surgiu a possibilidade de criação do periódico. Do ano de sua criação até o ano de 2008, as publicações eram anuais. De 2009 a 2014 suas publicações foram semestrais. Em 2015 passou a ser quadrimestral. E, a partir do ano de 2021, fluxo contínuo. Vale ressaltar que a partir de 2015, o periódico passou a ser publicado exclusivamente em meio eletrônico.

Quanto a qualidade na produção científica, desde 2008 o periódico *Cadernos de História da Educação* é classificado com o Qualis A2¹¹ pela CAPES.

A *Revista de História e Historiografia da Educação* é organizada pelo Grupo de Trabalho Nacional em História da Educação (GTHE) da Associação Nacional de História (ANPUH), em parceria com seus núcleos regionais, e está vinculada a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Este grupo foi criado a partir do Simpósio Nacional de História, realizado em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, em 2015. Com o intuito de promover a pesquisa na área da História da Educação (nacional e internacional), “caracteriza-se também como uma atividade pretendida pelo GT de História da Educação a publicação de livros, resultado das atividades feitas pelo grupo, e a criação de um periódico online” (MACHADO JR, 2017, p. 2). Assim, nasceu o periódico e, a primeira publicação da RHHE ocorreu em 2017.

Com relação à qualidade na produção científica, a RHHE está classificada com o Qualis B1¹² pela CAPES.

Em síntese, algumas características comuns encontradas nos cinco periódicos em história da educação diz respeito ao vínculo com grupos, associações e sociedades de

¹¹ A classificação do Qualis-Periódico refere-se ao Quadriênio 2017-2020. Disponível em <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>> Acesso em 03 ago. 2023.

¹² A classificação do Qualis-Periódico refere-se ao Quadriênio 2017-2020. Disponível em <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>> Acesso em 03 ago. 2023.

estudo da área. Os periódicos: RHE, RBHE E CHE, inicialmente circulavam em versão impressa. Além disso, considerando as exigências internacionais de avaliação de periódicos, os cinco passaram para publicação em fluxo contínuo. Por último, a qualificação da CAPES para os periódicos RHE, RBHE, HISTEDBR e CHE está entre A1 e B1, o que atesta a qualidade das pesquisas científicas. Apenas a RHHE que até o ano de 2021 não possui avaliação da CAPES, como mencionado.

Procedimentos de localização, seleção e identificação das publicações sobre história da leitura em periódicos especializados

A princípio, por meio das revistas eletrônicas em história da educação, localizamos publicações que tinham no título a palavra “leitura”. As revistas eletrônicas selecionadas não possuíam, até o período do levantamento, um campo específico de busca por meio do descritor. Foi necessário a leitura de cada título de todas as edições publicadas, visando à localização dos textos. Apresentamos a seguir, na Tabela 1, o quantitativo de publicações por revista encontradas na primeira busca, contendo o descritor “leitura” nos títulos, totalizando 83 publicações.

Tabela 1: Quantidade de publicações contendo o descritor “leitura” por revista	
REVISTAS	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES CONTENDO NO TÍTULO O DESCRITOR “LEITURA”
RHE	28
RBHE	19
HISTEDBR ON LINE	18
CHE	15
RHHE	3
TOTAL DE PUBLICAÇÕES	83

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Como esperado, devido ao tempo de criação, os periódicos que apresentaram mais resultados com o descritor “leitura”, são aqueles com maior tempo de circulação. Segue na Tabela 2 o número de publicações produzidas nos cinco periódicos analisados, por ano, compreendendo o recorte temporal da pesquisa 1997-2021.

Tabela 2: Quantidade de publicações por ano nos cinco periódicos

ANO	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES
1998	1
1999	4
2002	2
2003	5
2004	2
2005	2
2006	2
2007	1
2008	3
2009	4
2010	3
2011	4
2012	3
2013	7
2014	3
2015	5
2016	8
2017	4
2018	8
2019	7
2020	4
2021	1
TOTAL DE PUBLICAÇÕES	83

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Como se nota, os anos com o maior número de publicações contendo o descritor “leitura” nos periódicos são 2016 e 2018, respectivamente com oito títulos. Nos anos de 1997, 2000 e 2001, não foram encontrados títulos com tal descritor.

De modo geral, por meio do primeiro levantamento na RHE, foram levantados o total de 28 publicações. Os anos e a quantidade de publicações por ano com o descritor “leitura”, respectivamente, seguem: 1998 (1), 1999 (4), 2002 (1), 2003 (2), 2004 (2), 2005 (2), 2006 (1), 2009 (2), 2010 (2), 2011 (1), 2015 (2), 2016 (2), 2017 (2), 2019 (2) e 2020 (2). O ano com mais publicações contendo esse descritor foi o ano de 1999, com quatro publicações.

Na RBHE, foram levantados o total de 19 publicações. Os anos e a quantidade de publicações contendo o descritor “leitura” por ano, respectivamente, seguem: 2002 (1), 2003 (2), 2006 (1), 2008 (2), 2009 (1), 2010 (1), 2012 (1), 2013 (3), 2015 (1), 2016 (3), 2018 (1), 2019 (1), 2020 (1). Os anos com mais publicações com esse descritor, foram 2003 e 2006, com três títulos por ano.

Já no periódico HISTEDBR On line, foram apuradas 18 publicações com a palavra “leitura” nos títulos. De tal modo, os anos com mais publicações com tal descritor são: 2011 e 2014, cada ano com três publicações.

No periódico CHE, foram levantadas 15 publicações, distribuídas da seguinte maneira: nos anos de 2003, 2007, 2008, 2015, 2016, 2020 e 2021, com apenas um título por ano mencionado. No ano de 2018, foram levantadas duas publicações e nos anos de 2013 e 2019, três títulos por ano. E, na RHHE, foram levantadas três títulos contendo o descritor “leitura”, publicados no ano de 2018.

Após a localização das publicações pelo descritor, realizamos uma seleção dos textos, a fim de averiguar quais estavam relacionados com a história da leitura e, com base nisso, delimitamos os limites e intercâmbios do/com o tema proposto. Dentre as 83 publicações levantadas com o descritor “leitura” nos títulos, 21 foram descartadas, uma vez que mesmo com o descritor no título, não estavam relacionadas necessariamente com a leitura. Não serão analisadas as três resenhas de livros, bem como os dois resumos de dissertações e teses levantadas. Isto justifica-se pois o intuito é o de levantar as produções historiográficas originais no formato de artigo científico, conteúdo principal dos periódicos. Vale destacar também que não serão analisadas as publicações levantadas da RHHE pois não são relacionados a leitura, além disso uma publicação se trata de uma resenha de livros. Portanto, serão analisadas 62 publicações, dentre as quais temos:

Tabela 3: Quantidade de publicações analisadas por revista

RHE	25
RBHE	15
HISTEDBR ON LINE	10
CHE	12
TOTAL	62

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Foi necessário uma leitura completa das publicações a fim de respondermos às questões levantadas no projeto de pesquisa, as quais questionaram “o que” em história da leitura, se pesquisou nas produções levantadas? “Quem” são os pesquisadores? – Há recorrência de autores? “De onde” partem as publicações localizadas? – Há recorrência de instituições e/ou Programas? “Quando” elas foram produzidas? – Quais os recortes temporais?

Por conseguinte, realizamos a análise e interpretação crítica dos dados obtidos, à luz da análise historiográfica. Os dados analisados, foram tidos como textos que, segundo o método proposto por Mortatti (1999, p. 71), são “a materialização de um projeto (discursivo)”, bem como, no processo de interpretação, assumem o ponto de partida e de chegada. A autora ressalta que, para ser singular, um texto não é composto apenas por conteúdos, mas por um

conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) (MORTATTI, 1999, p. 71-72)

Dialogando com Mortatti (1999), buscamos analisar os sentidos do texto em seus diferentes aspectos, identificando e descrevendo os aspectos, no que tange ao “o quê”, “como?”, “quem?”, “de onde?”, “quando?” e “por quê?”.

Esta dissertação está dividida em três seções, a saber:

Na primeira (2) apresentamos, em linhas gerais, a história da leitura e do livro no Brasil, tendo como referências as próprias pesquisas aqui levantadas. Já na segunda (3), intitulada “Caracterização dos artigos sobre história da leitura nos periódicos”, buscamos levantar quantitativamente as publicações sobre leitura nos periódicos de História da Educação, mostrando a localização geográfica e institucional; período de publicação dos trabalhos; pesquisadores e áreas do conhecimento; e, abrangência temporal das publicações.

A terceira seção (4) tem por título “Análise descritiva das produções sobre leitura em periódicos de história da educação”, no qual abordamos qualitativamente o

conteúdo das publicações acerca da leitura dos anos de 1997 a 2021, apresentamos as temáticas apresentadas por meio de categorias, os referenciais teóricos-metodológicos utilizados nas pesquisas, bem como os objetivos das produções. Por fim apresentamos as considerações finais desta dissertação.

2. A LEITURA COMO TEMA DE PESQUISA NO BRASIL

A intenção deste capítulo é o de estabelecer um diálogo entre o período de produção das referidas pesquisas e a constituição do campo da história da leitura no Brasil. Para isso, utilizamos como referências as publicações levantadas para esta pesquisa, juntamente com autores que tratam da formação da história da leitura no país. Dentre os autores utilizados neste capítulo, temos: Giglio (2019); Lajolo e Zilberman (2019); Machado e Martineli (2017); Peres (2020); Villalta (2005); entre outros.

No entanto, cabe considerar de antemão a experiência da França, analisada no artigo “1980-2010: trinta anos de pesquisas sobre a história do ensino da leitura. que balanço?”, escrito por Anne-Marie Chartier (2011). Segundo a autora, entre 1985 a 1995 a história da leitura na França começou a ser questionada, uma vez que antes esteve ligada apenas ao ensino da leitura escolar. A autora destaca que “ler era sempre ler” (CHARTIER, 2011, p. 51), ou seja, não se via a leitura como portadora de uma história. Entretanto, na década de 1990, iniciam-se pesquisas sobre a história da leitura. Assim, essa história, tanto da leitura escolar quanto da leitura como prática social e cultural, passam a ser consideradas a partir das pesquisas do campo, como ressalta Chartier (2011).

No artigo “A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance” Luiz Carlos Villalta (2005) realiza um balanço da produção brasileira sobre a história da leitura no Brasil Colônia. O autor ressalta que desde a década de 1980 pesquisadores de diversas áreas já desenvolviam investigações acerca da história do livro e da leitura no Brasil Colônia, antes mesmo da circulação do pensamento europeu a esse respeito, como os estudos de Roger Chartier difundidos no país a partir da década de 1990. Antes disso o Brasil já contava com pesquisas retratando essa história. Assim como Villalta (2005), por meio das publicações levantadas nesta pesquisa, buscamos evidenciar neste capítulo a história da leitura e da educação brasileira.

2.1. Leitura e a educação brasileira nas publicações em História da leitura

Sobre a história da leitura no Brasil colônia, no texto “A leitura no Brasil colônia e suas (inter)relações com a contemporaneidade” Sousa et.al (2018), por meio de uma pesquisa bibliográfica, levantam a história da leitura e da produção do livro no Brasil

colonial, relacionando com a formação do Estado brasileiro. Os autores enfatizam a centralidade do poder de Portugal no que tange à produção textual, uma vez que a reprodução impressa era proibida, pois temiam a reprodução de ideologias contrárias a pátria lusitana (SOUSA et al, 2018). Conforme os autores no

século XVIII, a centralização do poder era tão significativa que o escritor brasileiro confeccionava seu texto na América, enviava o material à navio, para Coimbra ou Lisboa, aguardava a impressão e o transporte de volta, arcava com taxas de importação elevadíssimas e só assim, cerca de 1 ano depois estaria com o texto em mãos (SOUSA et al, 2018, p. 23).

Lajolo e Zilberman (2019, p. 177) enfatizam que um ponto forte acerca da imprensa nesse período é a censura do governo, o que resultou no “retardo e precariedade das práticas de leitura na sociedade brasileira”. Apenas com a vinda da família real, em 1808, essa situação começa a ser alterada (SOUSA et al, 2018).

A publicação de Sousa et al (2018) percorre esse período realçando como os entraves impostos por Portugal impediram o povo brasileiro de ter acesso à formação intelectual. Expõem a exploração dos recursos naturais e o desinteresse educacional na colônia, uma vez que “em uma sociedade predominantemente agrária, o estudo era secundário” (SOUSA et al, 2018, p. 24). Concluem que nesse período “lia-se pouco ou às escondidas” (SOUSA et al, 2018, p. 27), uma vez que o acesso ao livro e à leitura ou eram proibidos ou eram coordenados pela administração lusitana. De modo claro os autores relacionam a história da leitura e do livro com os reflexos de como funcionava a educação na colônia. Lajolo e Zilberman (2019), por sua vez, declaram que a partir da abolição da censura e do monopólio estatal foi possível o funcionamento de outras tipografias – mesmo que tardio, havendo assim um crescimento nas oportunidades de leitura no país.

Percebemos em Giglio (2019), que a leitura no Brasil imperial estava atrelada ao poder do Estado. A autora, ao investigar a escrita dos documentos oficiais no artigo “Leitura e escrita no governo de homens e coisas. Província de São Paulo - Século XIX”, atenta-se para o fato de que esses documentos interferiam e normalizavam as práticas de leitura. Além disso, o acesso ao ensino da leitura e da escrita era para os indivíduos social, econômico e culturalmente bem estabelecidos, como expõe Peres (2020).

Buscando identificar os processos de ensino e de aprendizagem inicial da leitura e da escrita entre a população escravizada no artigo “A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos ‘sem arquivos’”, Peres (2020), por meio de anúncios de jornais, retrata que a população de escravos e negros livres e libertos no início do século XIX não era passiva quanto a aprendizagem da leitura e da escrita. Nos deixa claro a hipótese de que “inclusive internamente ao grupo, ou seja, entre eles, pudesse haver maneiras de transmissão desses saberes” (PERES, 2020, p. 153). Além disso, a autora informa que nas próprias residências, moradores vindos da Europa, ensinavam os escravos e as escravas a ler e a escrever. Os anúncios de jornais também indicam a relação entre as práticas de leitura e escrita com o ensino de tarefas domésticas e ofícios especializados, como expõe Peres (2020, p. 157, grifo da autora) ao analisar um anúncio: “como se pode ler, trata-se de uma mulher que publicou um anúncio propondo-se a ensinar às meninas as prendas domésticas, costurar e bordar, e *querendo*, até ler e escrever, incluindo *negrinhas*”.

Na produção “A formação moral e cívica das crianças brasileiras na Primeira República pela prática da leitura de livros infantis: uma análise de contos pátrios (1904)” Machado e Martineli (2017) analisam livros produzidos por brasileiros para a infância brasileira e enfatizam o papel desses livros na formação moral e cívica das crianças. Destacam que esses livros infantis “serviram como instrumento para formação moral e cívica dos futuros cidadãos brasileiros” (MACHADO; MARTINELI, 2017, p. 514).

As autoras nos mostram que esses livros eram voltados para a educação escolar e tinham como temas os valores patrióticos, a educação moral, cívica e religiosa. Machado e Martineli (2017) ressaltam que os conteúdos dos contos que compunham os livros eram acerca da história do Brasil. Igualmente, os símbolos patrióticos como a natureza, o exército brasileiro, a bandeira e o hino nacional, são elementos implícitos que, de acordo com elas, mostram “algumas intenções dos autores no projeto de nacionalização e padronização que se estendia às crianças” (MACHADO; MARTINELI, 2017, p. 525). Em função disso, a leitura nesse momento “tornou-se um instrumento de difusão do civismo e do patriotismo” (MACHADO; MARTINELI, 2017, p. 518).

Na tentativa de entendermos melhor esse período na educação brasileira, é importante destacarmos que tanto Machado e Martineli (2017), quanto Hansen (2011)¹³, enfatizam que a produção de livros de literatura infantil nesse período visava atender às demandas da educação escolar, ou seja, “a relação entre literatura e escola era indissociável”. Além disso, conforme as autoras, esse momento se tornou “decisivo no processo de desenvolvimento da literatura infantil no país” (MACHADO E MARTINELI, 2017, p. 513), evidenciando o que era lido para e pelas crianças no país. No ensaio “*A leitura no Brasil: sua história e suas instituições*”, Zilberman ([200-?]) realça que a história da leitura supera a história da literatura, assim, para além das literaturas que se consumiam neste período, antes a leitura já estava presente e atuante.

A publicação “*Leitura que recomendamos - o que todos devem ler*”: impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas” de Moraes (2013), trata das práticas de leitura nas escolas anarquistas por meio de periódicos da Primeira República, o autor evidencia que o acesso aos livros impressos era restrito aos professores. Além disso, Moraes (2013) reforça o perigo ao se questionar a educação tradicional no período.

Tal como Moraes (2013), Arena (2006) também aborda acerca das recomendações de leitura dos anarco-sindicalistas no jornal *A Voz do Trabalhador* no início do século XX. A produção intitulada “*Leituras de anarquistas brasileiros na primeira década do século XX*”, destaca que as leituras produzidas e divulgadas por este grupo “deram-se pela necessidade criada nas e pelas relações sociais nascidas no enfrentamento entre capital e trabalho” (ARENA, 2006, p.101). Para além, o autor ressalta a leitura como um dos princípios norteadores do movimento anarquista que, juntamente com a educação e a propaganda, eram as bases para a rebelião.

No artigo “*O discurso educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950)*” de Machado et al (2012) ressaltam que apenas no período da segunda República o país desperta para as questões da educação rural. Entendendo a necessidade do cuidado com as condições de saúde da população para o desenvolvimento nacional, iniciou-se campanhas e anúncios publicitários acerca da higienização e saneamento do país, e foi então criado e divulgado o Almanaque Biotônico Fontoura. Como declaram os autores,

¹³ HANSEN, Patrícia Santos. **Autores, editores, leitores:** O que os livros cívicos para crianças da Primeira República dizem sobre eles?. História (São Paulo). 2011, v. 30, n. 2, p. 51-80. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200004>>.

esse impresso “tornou-se material de leitura de adultos e crianças, ensinando a eles noções de higiene e saúde, como andarem limpos, asseados, calçados, além de trabalharem para uma vida feliz e próspera” (MACHADO et al, 2012, p. 85). Entretanto, ao analisar o almanaque, os autores concluíram que este material criou uma representação do homem do campo, representação esta oposta ao homem da cidade, ou seja, o “sertanejo como homem atrasado e alheio à modernização” (MACHADO et al, 2012, p. 86).

Trilhando o mesmo caminho, na produção “*Práticas de leituras escolares nos anos 20: Os usos do Almanaque Biotônico Fontoura*” Machado et al (2013) aborda as práticas de leitura escolar por meio do Almanaque Biotônico Fontoura. Este Almanaque, para além de um livreto de divulgação medicamentosa, circulou em espaços públicos e privados; na escola, como material de apoio didático. Conforme os autores “o Almanaque, distribuído, a princípio, apenas em farmácias, também adentrou os muros das escolas, transformando-se em material de leitura obrigatória de muitos jovens e crianças.” (MACHADO et al, 2013, p. 158).

Comitti (2011, p. 148) nos conta que nos anos 1960 e 1970, por meio de campanhas nacionalistas, “a leitura é oferecida à população como acesso à modernidade, garantindo ao indivíduo a possibilidade de progresso e sucesso profissional”. De tal modo a alfabetização se tornava o caminho para a plena cidadania. Comitti (2011) ressalta ainda que em meados dos anos 1970, devido aos fatores políticos e sociais e, a busca por novos leitores, a indústria de livros paradidáticos cresceu.

Ao avançarmos no tempo, notamos no artigo “*A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares*”, Pereira e Sarti (2010) analisam cartas escritas e enviadas ao Almanaque Abril, ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000. Utilizando-se de cartas e de um documento com trechos de cartas, os autores buscaram identificar as expectativas dos leitores desse almanaque, bem como suas práticas de leitura. Para tanto se valem dos conceitos de ‘táticas e estratégias’¹⁴ de Michel Certeau. Por meio deste texto é possível identificar que o leitor da década de 1990 não era passivo, pelo contrário. Ao enviar cartas ao Almanaque os leitores

¹⁴ Nesta publicação os autores abordam os conceitos táticas e estratégias como “as estratégias correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido por um sujeito detentor de algum tipo de poder” [...] As táticas, por sua vez, são apresentadas pelo autor como ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis. Em oposição às estratégias – que visam produzir, mapear e impor – as táticas originam diferentes maneiras de fazer” (PEREIRA E SARTI, 2010, p.198).

evidenciavam sua intenção de interação com a equipe editorial (PEREIRA E SARTI, 2010). Além disso, os autores consideram que a leitura do *Almanaque* forjava a identidade em seus leitores, uma vez que

Os leitores focalizados parecem ter incorporado a leitura do *Almanaque Abril* em suas rotinas e não somente como um mero recurso para a obtenção de informações – como poderia ser esperado na leitura desse tipo de material – mas como um espaço de interlocução no qual emergem suas próprias maneiras de buscar, selecionar e considerar os conteúdos em questão (PEREIRA E SARTI, 2010, p. 205, grifo dos autores).

Desta maneira, diferentemente de outros momentos da história da leitura, vemos um leitor autônomo que tem acesso à informação e, portanto, pode também questioná-la, pode dialogar com a obra. Diante disso, percebemos as inovações desta era contemporânea, que conforme Carvalho e Stephanou (2015, p. 368), “nada mais são que parte de um processo dinâmico da história das práticas de ler e escrever”.

No tempo presente observamos o quanto as práticas de leitura e de escrita estão em contínua mudança, principalmente ao lermos o artigo de Carvalho e Stephanou (2015) “*O fim do livro? O que as escritas e os escritores virtuais nos auxiliam nessa discussão na perspectiva da história das práticas de leitura e escrita*”. Neste artigo, as autoras analisam as práticas de escrita virtual de jovens que leem obras originais e, a partir dessa leitura produzem denominados *fanfictions*, que consiste no leitor ler uma obra original¹⁵ e a partir dela criar outra história. Conforme Carvalho e Stephanou (2015, p. 368)

Os fãs se valem dos cenários, dos personagens, do universo, da história em si destas obras para modificarem partes do enredo ou seu final, ou então para continuarem as tramas, dar visibilidade a um personagem coadjuvante, inserir novos personagens em interação com os personagens originais, entre outras possibilidades de criação a partir do universo apreciado.

¹⁵ De acordo com Carvalho e Stephanou (2015, p. 368) “A expressão obra original designa um livro, uma série de livros, um filme, um mangá (história em quadrinhos japoneses), um animê (desenho animado japonês), uma série televisiva, uma história em quadrinhos, um desenho animado, um jogo para computador ou vídeo game e mesmo uma banda musical, criados ou escritos originalmente, ou seja, sem lançarem mão de personagens já existentes, universos ficcionais anteriormente utilizados em outras obras do mesmo gênero ou em outros gêneros de obras, ou sem se apresentarem como continuidades de histórias previamente existentes”.

Notamos a inovação das práticas de leitura e escrita ao ver a possibilidade de o leitor tornar-se editor daquilo que ele lê, ou ainda, de uma nova história, de uma nova leitura. Ao ler essa publicação de Carvalho e Stephanou (2015) é impossível não nos lembrarmos da fala de Cavallo e Chartier (1998, p. 30) quanto à revolução da leitura que ocorre nos dias atuais, na era digital, visto que “[...] ler numa tela não é ler num codex”. Igualmente, o leitor, além de ler em qualquer lugar e qualquer escrita, não necessariamente precisa de um livro para praticar esta ação, pois hoje há diferentes tipos de suportes para a leitura, sendo os impressos – revistas, jornais, livros, gibis etc. – e os meios não impressos, como televisão, cinema, rádio e internet, ou seja, bens materiais e imateriais. A leitura “na tela” rompe a ligação física entre o manuscrito e o texto propriamente dito, fazendo com que o leitor seja o editor do texto que lê (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 30).

De tal modo,

o leitor, diante da tela, torna-se um dos atores de uma escrita a várias mãos ou, pelo menos, encontra-se em posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos [...] o leitor da era eletrônica pode construir a seu modo conjuntos textuais originais cuja existência, organização e aparência somente dependem dele. Mas, além disso, ele pode a qualquer momento intervir nos textos, modificá-los, reescrevê-los, torná-los sua propriedade (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 31).

Nesse sentido, nos deparamos hoje com o leitor do texto digital que, além de ler o texto, pode ainda modificá-lo livremente e, por meio dele, criar outros textos. Notamos como a leitura passou por distintos momentos, bem como os leitores que, desde censura até a liberdade para intervir na escrita daquilo que se lê, também passaram por diferentes condutas ao longo do tempo.

Assim, por meio deste item buscamos mostrar a história da leitura e da educação brasileira por meio dos artigos levantados nas revistas eletrônicas especializadas em História da Educação.

3. CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS SOBRE HISTÓRIA DA LEITURA NOS PERIÓDICOS

O objetivo deste capítulo é analisar as publicações levantadas sobre a história da leitura nos periódicos especializados em História da Educação, a partir de dados quantitativos em torno da localização geográfica e institucional; período de publicação dos trabalhos; pesquisadores e áreas do conhecimento; recorrência de autoria; e recorte temporal das publicações. Salientamos que, para a análise, levamos em consideração os dados contidos nos 62 trabalhos, considerando os minicurrículos dos autores e apresentações em notas de rodapé.

Nos orientamos pelo método proposto por Mortatti (1999, p. 71), onde os textos são tidos como “a materialização de um projeto (discursivo)”, como já mencionado. Deste modo, buscamos identificar e descrever os aspectos propostos por Mortatti (1999), são eles: “o quê”, “como?”, “quem?”, “de onde?”, “quando?” e “por quê?”.

De tal modo, procuramos responder as perguntas: de onde partem (qual a localização geográfica e institucional) as publicações sobre leitura nos cinco periódicos de História da Educação? Quais grupos, núcleos, laboratórios ou centros de pesquisas são identificados nas publicações? Qual o período de publicação dos textos nos cinco periódicos? Quem são os pesquisadores das publicações com o descritor “leitura” nos cinco periódicos de História da Educação? Há recorrência de autoria? Quais áreas de conhecimento têm como tema de pesquisa a leitura? Qual o recorte temporal das produções sobre leitura? Como são os trabalhos científicos publicados? As publicações são resultados de pesquisas individuais ou em rede? São resultados de pesquisas em andamento ou concluídas? São publicações oriundas de eventos? Em primeiro lugar tratamos da localização geográfica e institucional das produções levantadas nos periódicos.

3.1 Localização geográfica e institucional das publicações

Neste item abordamos a localização geográfica e institucional das publicações selecionadas nos cinco periódicos de História da Educação em análise. Os quadros explicitam a localização geográfica e institucional das 62 publicações em questão. Para tanto, expomos quantitativamente, as pesquisas por região brasileira, estado e/ou país,

considerando a ocorrência de publicações internacionais; bem como a/s instituições de ensino superior a que estiveram vinculadas (considerando a ocorrência de coautoria).

Para melhor visualização, expomos os dados nos quadros a seguir, que foram divididos em: Quadro 1: publicações de autoria única; Quadro 2: publicações em coautoria e; Quadro 3: publicações com autorias internacionais.

Quadro 1: Localização regional e institucional das publicações dos cinco periódicos

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE
SUDESTE	SÃO PAULO	USP ¹⁶	7
		UNESP ¹⁷	7
		UNICAMP	1
		UNIFESP ¹⁸	1
	RIO DE JANEIRO	UERJ ¹⁹	1
		UNIRIO ²⁰	1
		UFF ²¹	1
	MINAS GERAIS	UFLA ²²	2
		UFMG ²³	2
		UNIMONTES ²⁴	1
		UNIUBE ²⁵	1
	TOTAL		25
SUL	RIO GRANDE DO SUL	UFPe ²⁶	6
		UFRGS	2
		UCS ²⁷	2
		UNISINOS ²⁸	1
	SANTA CATARINA	UDESC ²⁹	2
		UNISUL ³⁰	1
	PARANÁ	UEM	3
		PUCPR ³¹	1
	TOTAL		18
NORDESTE	PARAÍBA	UFPB ³²	2
	BAHIA	UESB ³³	1
	PERNAMBUCO	UFPE ³⁴	1
	MARANHÃO	UFMA ³⁵	1

¹⁶ Universidade de São Paulo.

¹⁷ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

¹⁸ Universidade Federal de São Paulo.

¹⁹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

²⁰ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

²¹ Universidade Federal Fluminense.

²² Universidade Federal de Lavras.

²³ Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁴ Universidade Estadual de Montes Claros.

²⁵ Universidade de Uberaba.

²⁶ Universidade Federal de Pelotas.

²⁷ Universidade de Caxias do Sul.

²⁸ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

²⁹ Universidade do Estado de Santa Catarina.

³⁰ Universidade do Sul de Santa Catarina.

³¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

³² Universidade Federal da Paraíba.

³³ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

³⁴ Universidade Federal de Pernambuco

³⁵ Universidade Federal do Maranhão.

		TOTAL	5
		TOTAL GERAL	48

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A maior quantidade de publicações com o descritor “leitura” nos títulos partiram da região Sudeste do país, somando 25 artigos, ou seja, 40,32% das publicações totais. O maior número de publicações individuais, dentre as 25 dessa região, está no estado de São Paulo, compreendendo 16 produções. Somadas às publicações em coautoria a região sudeste tem 32 trabalhos. Ou seja, mais da metade, precisamente 50% dos artigos localizados nessa região (inclusive aqueles em coautoria) estão vinculados às instituições paulistas, com destaque para a UNESP que abrange o maior número, sendo sete produções independentes e mais duas em conjunto com outras universidades, totalizando nove publicações.

A UNESP aqui mencionada refere-se aos *campus* de Marília, com seis publicações (MORTATTI, 1999; ARENA, 2006; PEREIRA, 2008; TREVISAN, 2012; NERY E STANISLAVSKI, 2011; OLIVEIRA E TREVISAN, 2011); de Araraquara com uma produção individual (OLIVEIRA, 1998) e uma em coautoria com a UNIFAL (WARDE; PANIZZOLO, 2010) e; de Rio Claro um artigo em coautoria com a UEMG (PEREIRA; SARTI, 2010). Nas publicações levantadas nas revistas eletrônicas, o *campus* da UNESP que tem maior projeção acerca do tema leitura é o de Marília.

Na sequência, com sete publicações independentes e uma em conjunto com outra instituição, está a USP, com oito trabalhos. As demais instituições na região Sudeste tiveram publicados um ou dois trabalhos, como é o caso da UNICAMP em São Paulo, a UFLA e a UFMG. Em seguida, a região Sul possui 18 publicações, das quais 11 são advindas das instituições do estado do Rio Grande do Sul, o que corresponde a 61,11% desta região. A UFPel na região Sul, totaliza sete publicações, somadas com a produção em coautoria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL) como exposto no Quadro 2.

A região Nordeste apresentou cinco publicações, as quais a UFPB publicou dois trabalhos e as demais instituições dessa região, apenas um. Todas as publicações da região Nordeste partiram de instituições públicas.

Em síntese, podemos afirmar que as instituições das regiões Sudeste (25) e Sul (18) expõem a maior representação quantitativa de pesquisas publicadas com o tema da leitura nos periódicos. Bastos (2016, p. 47) aponta estas regiões do país como o centro de pesquisas na área da história da educação, bem como onde há a maior concentração

de programas de pós-graduação *stricto sensu*, além da “diversidade de temas e abordagens teórico-metodológicas”.

Cabe explicar que nos trabalhos em co-autoria, os autores/pesquisadores podem ser de instituições diferentes e até de regiões distintas, demonstrando uma interlocução institucional entre os pesquisadores. Nesse caso, na coluna intitulada “instituições” expomos a sigla das duas instituições das quais partiram as produções referidas, como segue na Quadro 2:

Quadro 2: Localização regional e institucional das publicações em coautoria

REGIÃO	ESTADO DO BRASIL	INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE
SUL	RIO GRANDE DO SUL	UCS ³⁶ e UFRGS	1
		UFPe ³⁷ e IFSUL	1
	TOTAL		2
SUDESTE	RIO DE JANEIRO	UERJ ³⁸ e UNILASALLE ³⁹	1
	MINAS GERAIS	UNIUBE ⁴⁰ e UFU	1
	SÃO PAULO E MINAS GERAIS	UNESP (Araraquara) e UNIFAL	1
		UEMG e UNESP (Rio Claro)	1
	TOTAL		4
CENTRO-OESTE	GOIÁS	UEG ⁴¹ e UniEvangélica ⁴²	1
	TOTAL		1
SUDESTE E NORDESTE	MINAS GERAIS E BAHIA	UFMG e UNEB ⁴³	1
	SÃO PAULO E MARANHÃO	USP e UFMA	1
	TOTAL		2
CENTRO-OESTE E SUDESTE	RIO DE JANEIRO E MATO GROSSO DO SUL	UEMS ⁴⁴ e UERJ	1
TOTAL			1
TOTAL GERAL			10

Elaborado pela autora, 2023.

³⁶ Universidade de Caxias do Sul.

³⁷ Universidade Federal de Pelotas.

³⁸ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³⁹ Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro.

⁴⁰ Universidade de Uberaba.

⁴¹ Universidade Estadual de Goiás.

⁴² Universidade Evangélica de Goiás.

⁴³ Universidade do Estado da Bahia.

⁴⁴ Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Como podemos observar, o Sudeste segue tendo a maior representação quantitativa, com presença em 50% das publicações em coautoria localizadas, com destaque para Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Em seguida, a região Sul, com duas publicações no Rio Grande do Sul.

Metade dos trabalhos compuseram parceria de autoria no próprio estado. Destacamos as coautorias entre Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul; São Paulo e Maranhão; Minas e Bahia, representando uma parceria interinstitucional entre regiões distintas, além da parceria entre São Paulo e Minas Gerais. Por fim, destacamos a presença de instituições localizadas no Centro-Oeste (com uma pesquisa em Goiás e outra em Mato Grosso do Sul). Não localizamos publicações vinculadas à região Norte, seja em autoria ou coautoria.

No Quadro 3 expomos as publicações de autores provenientes de instituições fora do país, explicitadas por continente, país e instituição:

Quadro 3: Localização regional e institucional das publicações do exterior

CONTINENTE	PAÍS	INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE
EUROPA	FRANÇA	INRP ⁴⁵	1
		ENSL ⁴⁶	1
	TOTAL		2
AMÉRICA DO SUL	COLÔMBIA	UNINORTE ⁴⁷	1
	ARGENTINA	UNNE ⁴⁸	1
	TOTAL		2
AMÉRICA DO NORTE	MÉXICO	Escuela Normal de Especialización de La Ciudad de México	1
	ESTADOS UNIDOS	University of Missouri–St	1
	TOTAL		2
TOTAL GERAL			6

Elaborado pela autora, 2023.

A Europa é representada por duas publicações de origem francesa. A América do Sul com Argentina e Colômbia, a América do Norte com Estados Unidos e México. Tais países dão um panorama das interlocuções internacionais traçadas pelo campo da História da Educação no Brasil sobre o tema da leitura.

⁴⁵ l’Institut National de Recherche Pédagogique.

⁴⁶ École Normal Supérieure de Lyon.

⁴⁷ Universidade Del Norte.

⁴⁸ Universidad Nacional del Nordeste.

Com o intuito de detalhar as publicações estrangeiras nas revistas de História da Educação brasileiras, elaboramos o quadro 4, com dados sobre o país, a autoria, título e periódico (ano):

Quadro 4: Publicações que partem de instituições internacionais

País	Autoria	Título	Periódico (ano)
França	CHARTIER, Anne-Marie	<i>Os modelos contraditórios da leitura entre formação e consumo: da alfabetização à cultura de massa</i>	RHE (2003)
	CHARTIER, Anne-Marie	<i>Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino</i>	RBHE (2016)
México	SEGURA, Enrique Vera	<i>La escritura y la lectura en la morigeración de los corrigendos de la Ciudad de México en el siglo 19</i>	RHE (2004)
Colômbia	SERRANO-LÓPEZ, Federico Guillermo	<i>La operación del dispositivo de sexualidad en las identidades emocionales atribuidas a los niños en los libros de lectura españoles y colombianos en la primera mitad del siglo XX</i>	RHE (2019)
Argentina	ARTIEDA, Teresa Laura	<i>Aportes de la antropología visual al análisis de lecturas sobre pueblos indígenas. O de cómo disminuir los riesgos de un estudio ‘insular’ de los textos escolares</i>	RBHE (2020)
Estados Unidos	MONAGHAN, E. Jennifer; SAUL, E. Wendy	<i>O leitor, o escriba, o pensador: um olhar crítico sobre a história da instrução da leitura e da escrita nos Estados Unidos</i>	CHE (2016)

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Dentre as publicações há reincidência da autora Anne-Marie Chartier (2003; 2016), considerada referência na área da Educação, principalmente história da escolarização da leitura e da escrita. Suas publicações partem INRP e da ENSL, ambos na França.

Das sete produções estrangeiras, quatro foram publicadas na Revista de *História da Educação* da ASPHE, que também se destaca pelas publicações internacionais mais antigas, datadas do começo do século XX. Duas produções foram publicadas na RBHE, e uma na CHE.

Em síntese, no que diz respeito à localização geográfica e institucional das publicações selecionadas, podemos considerar que a maior concentração está na região Sudeste do Brasil, com destaque para o estado de São Paulo, seguida da região Sul. Na região Norte não houve publicação contendo no título o descritor leitura. É interessante informar que quatro das instituições apresentadas nesta análise são privadas, uma confessional, uma privada sem fins lucrativos e uma privada confessional.

Deste modo, 48 trabalhos (77,41%) partiram de instituições públicas do Brasil, sendo que três publicações desse total, são em conjunto com uma instituição privada. A respeito das instituições estrangeiras, apenas a UNINORTE da Colômbia, é privada, as outras seis instituições são públicas.

3.2 Grupos de pesquisa

Neste tópico buscamos averiguar, entre as 62 produções localizadas e selecionadas, se há vínculos dos autores com grupos de pesquisa e se há recorrência. Para isso, procuramos responder a seguinte pergunta: quais grupos, centros e laboratórios de pesquisas são identificados nas publicações? No decorrer deste tópico utilizamos o termo ‘grupo’ para indicar: ‘grupo’, ‘centro’, e, ‘laboratório’ de pesquisa. Vale destacar que os grupos no Quadro 5 estão em ordem alfabética, além disso, nas notas de rodapés expomos os links de acesso aos espelhos do Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq (DGP/CNPq) e/ou sites, no caso dos grupos de pesquisas internacionais.

Sendo assim temos:

Quadro 5: Centros, Grupos e laboratórios de pesquisas informados na produções

Centros, Grupos e laboratórios de pesquisas	Autores
Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE (UFMG) ⁴⁹	Frade (2012)
Centro de Estudos e Investigações em História da Educação – CEIHE (UFPEL) ⁵⁰	Tambara (2005)
Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades – CIDEHUS (UE) ⁵¹	Santos (2013)
Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita (UFLA) ⁵²	Goulart (2017; 2015)
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita (UFMG) ⁵³	Reis e Galvão (2020); Frade (2012).
Grupo de Pesquisa Arquivos Pessoais, patrimônio e Educação – GARPE (UFRGS) ⁵⁴	Cunha (2013)
Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração da Educação e Formação de Educadores – GEPAEFE (UNESP) ⁵⁵	Trevisan (2009)
Grupo de Pesquisas em Ensino de Línguas e Formação de Professores (USP) ⁵⁶	Pietri (2021)
Grupo de Pesquisa História da Educação e do ensino de língua e literatura no Brasil – GPHEELB (UNESP) ⁵⁷	Mortatti (1999); Pereira (2009); Trevisan (2009); Oliveira e Trevisan (2015);
Grupo de Pesquisa: Leitura e Escrita na primeira infância – LEPI (UFMG) ⁵⁸	Martins e Reis (2016)

⁴⁹ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3331632506812412> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵⁰ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9222466606674213> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵¹ Para mais informações <<https://www.cidehus.uevora.pt/>> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵² Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5519465118951237> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵³ Para mais informações <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/24760>> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵⁴ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2226629990780428> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵⁵ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0758245465926292> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵⁶ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5493898709900759> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵⁷ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3286349946563347> Acesso em 22 jun. 2023.

História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - HISALES (UFPe) ⁵⁹	Peres e Ramil (2015); Peres (2020)
História da Educação, Imigração e Memória – GRUPHEIM (UCS) ⁶⁰	Luchese (2017; 2019)
Laboratoire de Recherche Historique Rhône-Alpes (ENSL) ⁶¹	Chartier (2003; 2016)

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Das publicações apresentadas no Quadro 5, foram identificados 13 grupos vinculados às 62 publicações aqui em análise.

Percebemos que a maior recorrência de grupos de pesquisas está na região Sudeste do país, nas universidades públicas: UFMG, UFLA, UNESP, USP, considerando a UFMG com o maior número, sendo três grupos de pesquisas. Já na região Sul há três universidades, sendo que a UFPel apresenta, em maior número, dois grupos de pesquisas. Além disso, como podemos observar no Quadro 5, há dois grupos de pesquisas que são de instituições internacionais, sendo um da UÉ de Portugal e um da ENSL, França.

O grupo de pesquisa com maior recorrência de publicações foi GPHEELLB da UNESP, com quatro publicações. Juntamente com o CEALE, o GEPAEFE e, o GPHEELLB, são os grupos de pesquisas mais antigos, os três foram formados durante a década de 1990. Ademais, a maioria dos grupos de pesquisas nesse levantamento foram criados na primeira e segunda década dos anos 2000.

No texto “*O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d'Ávila: Práticas escolares (1940)*”, Trevisan (2009) identifica que tal publicação, além de integrar o GPHEELLB tem vínculo com o GEPAEFE, ambos da UNESP.

Há casos em que o autor, em diferentes publicações, identificou o vínculo com o mesmo grupo de pesquisa, como Luchese (2017; 2019) indicando o GRUPHEIM da UCS nos textos “*Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945)*” e “*‘E não nos deixeis cair em tentação’: livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX)*”.

⁵⁸ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3592967272845791> Acesso em 22 jun. 2023.

⁵⁹ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1466266832401326> Acesso em 22 jun. 2023.

⁶⁰ Para mais informações <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1876546835302060> Acesso em 22 jun. 2023.

⁶¹ Para mais informações <<http://larhra.ish-lyon.cnrs.fr/>> Acesso em 22 jun. 2023.

Cabe aqui tratarmos dos grupos de pesquisas que possuem relação direta com a leitura, são eles: CEALE e LEPI da UFMG, Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita da UFLA, e, o HISALES da UFPel.

O CEALE foi criado em 1990, período em que a expansão do ensino superior e da pós-graduação estava em alta, bem como a consolidação de grupos de pesquisas com enfoques específicos como, por exemplo, a alfabetização (GATTI, 2001). Atualmente tem como líder a Professora Dra. em Educação Valeria Barbosa Machado. O Centro ainda conta com pesquisadores tanto da pós-graduação (*lato sensu e stricto sensu*) quanto da graduação que, em sua maioria, possui a titulação de doutores. Tem o intuito de unificar grupos interinstitucionais de pesquisa, ação formativa e documentação na área da alfabetização, letramento, leitura e escrita. É responsável por uma gama de publicações, tanto em livros quanto no jornal *Letra A* e na revista acadêmica *Língua Escrita*, ambas organizadas pelo próprio Centro⁶². Conforme as informações contidas no espelho do DGP/CNPq, o Centro vem desenvolvendo projetos relacionados ao Estado do Conhecimento sobre alfabetização e letramento, pesquisas sobre a aquisição da escrita, letramentos acadêmicos, letramento literário e letramento digital.

Já o grupo Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita da UFLA, foi formado em 2014 e tem como líderes Ilsa do Carmo Vieira Goulart e Giovanna Rodrigues Cabral, ambas Professoras Dras. em Educação. A maior parte dos pesquisadores tem como nível de formação o mestrado. Segundo o DGP/CNPq o grupo busca investigar a leitura e a escrita, as quais consideram como práticas de construção e de produção de sentidos no processo de ensino-aprendizagem e na formação docente.

O HISALES foi criado em 2006 e atualmente tem como líderes Vania Grim Thies e Chris de Azevedo Ramil, Professoras Dras. em Educação. Conforme consta no espelho do DGP/CNPq este grupo busca desenvolver pesquisas voltadas para a compreensão da alfabetização e do letramento na perspectiva histórica, sociológica e antropológica. Além disso, em suas produções o grupo destaca representações, práticas e saberes alfabetizadores, bem como as práticas escolares e sociais de leitura e escrita. O grupo também tem estudos voltados para a produção de livros didáticos no Rio Grande do Sul (1940-1980).

⁶² Para maiores informações acerca do CEALE, ver: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/>> Acesso em 22 jun. 2023.

A respeito do LEPI, criado em 2014, é liderado pelas Professoras Dras. em Educação Mônica Correia Baptista e Alessandra Latalisa de Sá. De acordo com o espelho do DGP/CNPq este grupo vem ajudando a integrar as redes de ensino com a extensão universitária. Esteve a frente de pesquisas consideradas exitosas acerca da oralidade, leitura e escrita na educação infantil de diferentes estados do país.

Assim, percebemos a importância dos grupos de pesquisas das regiões Sudeste e Sul, uma vez que contribuem de modo significativo com as pesquisas em torno da leitura, da escrita e também da oralidade em nível nacional.

No tópico a seguir buscamos identificar o período de publicação dos textos nos periódicos eletrônicos.

3.3 Período de publicação dos trabalhos

Nesta parte da pesquisa buscamos responder qual o período de publicação, ou seja, quando foram publicados os textos nos cinco periódicos eletrônicos. Assim, dentre as 83 publicações levantadas com o descritor “leitura” nos títulos, 21 foram descartadas, portanto, das 62 publicações temos:

Tabela 4: Quantidade de publicações por período	
1997 – 1999	5
2000 – 2009	15
2010 – 2019	37
2020 – 2021	5
TOTAL	62

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Percebemos que a concentração das publicações acerca do descritor “leitura” no período de recorte (1997-2021), inicia de maneira tímida, crescendo no início dos anos 2000 e, expande consideravelmente a partir do ano 2010. Além disso, das 62 publicações analisadas, constatamos que:

- Nos anos de 2013 e 2016 há uma maior concentração de trabalhos, sendo sete produções em 2013 e seis em 2016;
- No ano de 2009, há cinco produções publicadas;
- Nos anos de 2015 e 2019, há o total de cinco publicações em cada ano;

- Já nos anos de 1999, 2003 e 2020 foram publicados quatro textos em cada ano, e nos anos de 2017 e 2018, três textos.

- Nos anos de 2005, 2008, 2010, 2011, 2012 e 2014 foram publicadas duas publicações por ano citado.

- Os anos de 1998, 2002, 2004 e 2021 compreendem uma publicação por ano;

- Há dois períodos em que não há publicações acerca da leitura nos cinco periódicos: no ano de 2000 a 2001, e, em 2006 a 2007. Além disso, como já mencionamos, no ano de 1997 não levantamos publicações com o descritor “leitura”.

- O texto *“João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal”* de Oliveira (1998), é a mais antiga das produções levantadas e foi publicada pela RHE.

De tal maneira, é possível afirmar que do período de 2010 a 2019 houve a maior produção com o descritor “leitura” nos periódicos, perfazendo 59,67% das publicações. Para além, há um crescimento considerável nos últimos anos, pois no período de apenas um ano (2020-2021), foram publicados cinco textos com tal descritor no título, e, portanto, relacionados a esse tema.

Considerando esse quantitativo, podemos perceber que há um aumento nas publicações no mesmo período de criação dos grupos de pesquisas analisados no item anterior (3.2) desta dissertação. A maior parte dos grupos de pesquisas foram formados a partir dos anos 2000, assim como o crescimento das pesquisas contendo o descritor “leitura”. Nesse sentido, foram formados principalmente os grupos relacionados especificamente à leitura, uma vez que, dentre eles, apenas o CEALE foi criado em 1990 e os demais a partir de 2000. Isso não imputa descrédito ao CEALE, pelo contrário, enfatizamos a importância deste Centro para a pesquisa e extensão, pois ao socializar o conhecimento produzido nas pesquisas acadêmicas contribuiu para as práticas pedagógicas na Educação Básica, bem como instiga para que outras pesquisas sejam realizadas em torno da leitura e da escrita. Os grupos LEPI e Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita, foram formados no ano de 2014 e o HISALES no ano de 2006, nos anos em que as pesquisas em leitura se intensificaram.

Para além, notamos também que as pesquisas em torno da leitura intensificam-se no período de criação e circulação dos periódicos eletrônicos analisados nesta investigação.

3.4 Pesquisadores e áreas de conhecimento

Neste item, ‘procuramos responder as perguntas: quem são os pesquisadores das publicações com o descritor “leitura” nos cinco periódicos de História da Educação? Quais áreas de conhecimento têm como tema de pesquisa a leitura? Dos 62 trabalhos levantados nos cinco periódicos, a quantidade de autores é igual a 77, de tal modo, temos:

- Em 45 publicações há autoria/co-autoria de doutores em Educação⁶³;
- Em oito publicações há autoria/co-autoria de doutorandos em Educação;
- Em quatro publicações há autoria/co-autoria de mestres em Educação; e,
- Em três publicações há autoria/co-autoria de mestrandos em Educação⁶⁴.
- Em três publicações há autoria/co-autoria de Pedagogos.

Podemos deduzir que 81,81% dos autores das publicações levantadas são específicos da área da Educação. A hipótese que levantamos acerca deste alto percentual diz respeito ao fato de a leitura estar intimamente relacionada à educação. Além disso, tal como Villalta (2005, p. 1) destaca “desde a década de 80 do século XX, inúmeros historiadores e pesquisadores de diferentes áreas, mormente da literatura, da linguística e da educação, vêm desenvolvendo pesquisas sobre o livro e a leitura no Brasil Colônia”, assim, percebemos que no decorrer da história da educação brasileira há um aumento significativo de pesquisas em torno deste tema.

A seguir apresentamos os demais pesquisadores e áreas do conhecimento levantadas nas produções.

Sobre os autores da área da História, temos:

- Oito doutores em História⁶⁵;
- Um doutorando em História;
- Uma graduanda em História.

Por meio desses dados podemos inferir que 12,98% dos pesquisadores das publicações levantadas nos cinco periódicos de História da Educação são da área de História.

No que tange às demais áreas de conhecimento, temos apenas um autor por área, o que equivale a 6,49% das autorias, sendo:

⁶³ Dentre estas publicações há doutores em Educação (40), em História e Filosofia da Educação (2), em Ciências da Educação (2) e, em Filosofia da Educação (1).

⁶⁴ Dentre estas publicações há dois mestrandos em Educação e um mestrando em Educação e Cultura.

⁶⁵ Dentre os autores há doutores em História (4), em História Social (2), em História e Sociedade (1) e, em História da Economia (1)

- Um doutor em Teoria e História Literária;
- Um mestre em Ciências da Informação;
- Um doutor em Ciências (Psicologia);
- Um doutor em Pensamento Espanhol e Latino-Americano; e,
- Um doutor em Linguística Aplicada.

Por meio dessas informações, podemos afirmar que a concentração de pesquisadores dos textos publicados nos cinco periódicos de História da Educação sobre a temática da leitura são da área da Educação e 12,98% da área de História.

Diante disso, Bastos (2016, p. 47, grifo da autora) usando das contribuições de Vidal e Faria Filho (2003), ressalta que a identidade do pesquisador dessa área é “*multifacetada e plural*”. Além disso, a autora enfatiza que diferentemente de outros países, no Brasil, a formação do pesquisador em história da educação é majoritariamente em Educação, já em outros países predomina a formação em História ou Ciências da Educação (BASTOS, 2016).

Bastos (2016, p. 52) alerta para o fato de que, enquanto pesquisadores da história da educação, devemos pensar com cuidado em nosso papel e, não apenas isso, mas também o de buscar “entender o campo da história da educação como uma disciplina histórica, um campo setorial da história”. Para além, a autora adverte sobre a necessidade de ampliar a visão acerca das pesquisas em história da educação produzidas em outros campos de pesquisa, como “História, Filosofia, Psicologia, Sociologia” (BASTOS, 2016, p. 53).

Como destacamos nesse item, pesquisadores de distintas áreas investigaram acerca da história da leitura, produzindo uma atitude analítica de um campo rico em temas, como o da história da educação.

No próximo item analisamos os tipos de textos das produções levantadas. Além disso, expomos as situações das pesquisas, se concluídas ou em andamento.

3.5 Produções em história da leitura: os tipos de texto

Neste item desejamos responder a seguinte pergunta: como estão estruturados os trabalhos científicos publicados nos periódicos eletrônicos? Isso porque, ao lermos as publicações percebemos que há dois formatos distintos de textos, ou seja, há artigos e textos que não possuem a mesma organização. Aqui chamaremos de textos corridos, pois não possuem divisões, como introdução, desenvolvimento e conclusão.

Indagamos também: as publicações são resultados de pesquisas individuais ou em rede? São resultados de pesquisas em andamento ou concluídas? São publicações originadas em eventos? Como mencionado no início deste capítulo, os dados aqui descritos são baseados nas informações contidas nas publicações levantadas.

A respeito de como são os textos publicados nas revistas eletrônicas, notamos que das 62 publicações levantadas:

- oito são textos corridos;
- 54 são artigos.

Podemos afirmar que a maioria das publicações com o descritor leitura são artigos analíticos, pois totalizam o percentual de 87,09.

Acerca dos resultados, dos 62 trabalhos levantados para esta pesquisa, percebemos que 40 são individuais e 22 são produções em rede, ou seja, possuem acima de dois autores. Das 40 publicações individuais (64,51%), 21 apontam a situação: se são parciais ou concluídas, se são parte de teses ou dissertações, se participaram de eventos acadêmicos, se são parte de dossiês, se fazem parte de pesquisas maiores.

Desse quantitativo – 21 – percebemos que:

- oito são parte de teses, sendo que duas são resultados de investigação de pós-doutorado, uma tese de livre docência;
- apenas uma parte de dissertação de mestrado,
- do total de publicações individuais, apenas uma originou-se de evento acadêmico e em seguida foi ampliada para publicação em periódico;
- cinco publicações fazem parte de dossiês temáticos;
- seis publicações são parte de pesquisas maiores, como por exemplo a pesquisa intitulada “*‘Não devemos adotar indiferentemente qualquer livro de leitura’*: um estudo sobre os processos de seleção de livros para a escola primária paulista” de Rocha (2013), publicada pelos CHE, que parte do projeto de investigação intitulado “Biblioteca de Higiene para as crianças e seus mestres: produção, circulação e usos de manuais escolares”. Vale enfatizar que ao tratarmos do termo ‘pesquisas maiores’ estamos nos referindo a investigações que fazem parte de projetos de pesquisas e que publicaram os resultados, sejam parciais ou finais, nos periódicos aqui analisados.

Dentre os textos que partem de pesquisas maiores, as publicações “*A leitura escolar como construção ideológica: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906)*” de Tambara (2005) e “*Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e*

consumo de livros de leitura (1875-1945)” de Luchese (2017), ambas publicadas pela RHE, evidenciam que são resultados parciais de pesquisas.

Acerca dos dossiês, conforme o periódico eletrônico *Educação em Revista*⁶⁶ da UFMG, um dossiê “reúne conjunto de artigos que abordam uma temática específica, concebido a partir de proposta recebida da comunidade acadêmica ou de chamada realizada pelos(as) editores(as)”. No Quadro 6 expomos os dossiês, as produções, bem como o periódico e os organizadores dos dossiês.

Quadro 6: Publicações em dossiês

Dossiê	Autor e publicação	Periódico (Ano)	Organizador (es)
<i>Da Itália ao Brasil: processos educativos e formativos</i>	LUCHESE, T. A. <i>Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945).</i>	RHE (2017)	Alberto Barausse; Terciane Ângela Luchese
Escolarização, livros escolares e movimentos migratórios	PANIZZOLO, C. <i>Scuole italiane all'estero: livros de leitura para as escolas italianas no Brasil (São Paulo/SP- 1911-1931)</i>	CHE (2019)	Terciane Ângela Luchese; Alberto Barausse
	LUCHESE, T. A. <i>‘E não nos deixeis cair em tentação’</i> : livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX).		
Instrumentos do trabalho didático	MORAES, J. D. <i>"Leitura que recomendamos - o que todos devem ler"</i> : impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas.	CHE (2013)	Ana Aparecida Arguelho de Souza; Samira Saad Pulchério Lancillotti
Tópicos de História da Educação nos Estados Unidos (entre os séculos XIX e XX)	MONAGHAN, E. J. SAUL, E. W. <i>O leitor, o escriba, o pensador: um olhar crítico sobre a história da instrução da leitura e da escrita nos Estados Unidos.</i>	CHE (2016)	Mirian Jorge Warde

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

No Quadro 6 observamos que apenas um dossiê foi organizado pela RHE, os demais pela CHE. Enfatizamos o dossiê: “Escolarização, livros escolares e movimentos migratórios”, uma vez que é o único vinculado especificamente a leitura que foi organizado por Luchese e Barausse (2019) e publicado na CHE, e contempla duas publicações. Os demais dossiês evidenciados no levantamento não tratam especificamente sobre a leitura.

Os textos de Luchese (2017; 2019) “*Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945)*” publicado pela RHE e “*E não*

⁶⁶ Disponível pelo link <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/about/submissions>> Acesso em 02 mar 2023.

nos deixeis cair em tentação': livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX)" publicado pelos CHE, estão correlacionados, pois no primeiro Luchese (2017) identifica como sendo resultado parcial da pesquisa "História das Escolas Étnico-Comunitárias Italianas no Brasil (1875-1945)", no segundo trabalho Luchese (2019) ressalta ser o resultado da pesquisa "História das culturas escolares nas escolas italianas em terras brasileiras (1875 - 1945)".

Já dos trabalhos desenvolvidos em rede (32,83%), percebemos que 12 títulos apresentam a situação: se são pesquisas parciais ou concluídas, se são parte de teses ou dissertações, se oriundas de eventos acadêmicos, se são parte de dossiês, se fazem parte de pesquisas maiores.

A produção "*O leitor, o escriba, o pensador: um olhar crítico sobre a história da instrução da leitura e da escrita nos Estados Unidos*" de E. Jennifer Monaghan e, E. Wendy Saul é apresentado como a tradução de um capítulo de livro. Além disso, esse artigo compõe o dossiê temático "Tópicos de História da Educação nos Estados Unidos (entre os séculos XIX e XX)" dos CHE publicado em 2016.

O artigo "*A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação*" de Peres e Ramil (2015), apresenta o acervo do grupo HISALES e, faz parte da seção Acervos e Documentos da RHE do ano de 2015.

Por meio dos dados podemos observar que, dos 62 títulos levantados para esta investigação, 34 textos (54,83%) não identificaram a situação da pesquisa publicada. Além disso, das publicações que identificaram a situação (45,16%), notamos que 25,37% dos textos fazem parte de teses e dissertações, 11,94% são parte de pesquisas maiores e, 5,97% fazem parte dos dossiês temáticos das revistas eletrônicas.

3.6 Recorrência de autoria

Aqui buscamos responder a questão: há recorrência de autores nas publicações? Se há, quem são esses autores? Constatamos que o total de autores das 62 publicações levantadas é igual a 77, dentre os quais há recorrência dos nomes:

Quadro 7: Autores recorrentes

	Quantidade de trabalhos
--	-------------------------

Anne-Marie Chartier	2
Claudia Panizzolo	2
Ednéia Regina Rossi	2
Eliane Teresinha Peres	6
Ilsa do Carmo Vieira Goulart	2
Marcelo Oliano Machado	2
Terciane Ângela Luchese	2
Thabatha Aline Trevisan	2
Vivian Batista da Silva	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Observamos que o maior número de recorrências entre os cinco periódicos de História da Educação é de autoria da doutora em Educação pela UFMG, Eliane Teresinha Peres. Conforme dados retirados da Plataforma Lattes⁶⁷, Peres é Pedagoga, Especialista, mestre e doutora em Educação. É Professora aposentada da UFPel, onde atuou na FaE/UFPel entre os anos de 1991 e 2020. No PPGE da mesma instituição atua na linha de pesquisa: "Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem", desde 2001. É criadora do Centro de Memória e Pesquisa Hisales (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), da FaE/UFPel. Possui experiência na área educacional com ênfase na História da Alfabetização, Alfabetização e Letramento. Como descrito em seu currículo, Peres atua nos seguintes temas: história da alfabetização, história da cultura escrita, práticas de leitura e escrita, alfabetização e letramento, livros escolares e formação de professores.

Identificamos também que dentre essas 6 publicações da autora, uma é do ano de 1999, enquanto doutoranda em Educação. São as publicações de Peres:

Quadro 8: Publicações da autora Eliane Teresinha Peres

PERES, E. T. <i>A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres ler? e Quero ler.</i> RHE, 1999.
VAHL, M. M.; VIEIRA, C. M.; PERES, E. T. <i>Contratos de livros para o ensino da leitura e da escrita do programa do livro didático para o ensino fundamental</i> – PLIDEF (1972). HISTEDBR On Line, 2014.

⁶⁷ A Plataforma Lattes do CNPq atua na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. O currículo da autora, Eliane Teresinha Peres, está disponível no endereço <<http://lattes.cnpq.br/5179048135412088>> Acesso em 28 de out de 2022.

PERES, E. T.; RAMIL, C. de A. <i>A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação</i> . RHE, 2015.
PERES, E. T.; ARRIADA, E.; PEREIRA, L. A. B. <i>A "Artinha de Leitura" de João Simões Lopes Neto (1907): um projeto para o ensino da leitura e da escrita</i> . RBHE, 2018.
PERES, E. T. <i>A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos "sem arquivos"</i> . CHE, 2020.
PERES, E. T. <i>A série de livros de leitura para a América Latina no contexto da política do Institute of Inter-American Affairs (USA)</i> . RHE, 2020.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os demais autores têm duas publicações nos cinco periódicos. Salientamos que, por vezes, há autoria em conjunto, ou seja, com outros autores. Temos por exemplo, os trabalhos de Machado (2012; 2013) e Rossi (2012; 2013), que juntamente com Neves (2012) e Rodrigues (2013), publicaram os textos “*O discurso educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950)*”, e, “*Práticas de leituras escolares nos anos 20: Os usos do Almanaque Biotônico Fontoura*”, publicados, respectivamente, em 2012 e 2013, pela HISTEDBR On Line.

3.7 Recorte temporal das publicações sobre leitura

Neste item buscamos dar ênfase ao recorte temporal que as produções acerca da leitura adotaram. Procuramos responder a pergunta: qual o recorte temporal das produções sobre leitura? Para responder essa pergunta, dividimos o período de recorte das publicações por séculos.

Essa divisão se justifica pelo fato de que há publicações em que os autores situam suas pesquisas por século, como por exemplo o trabalho publicado pela HISTEDBR On Line, “*Livrinhos que eram verdadeiros tesouros: leituras para crianças no Brasil imperial*” de Filho (2011), no qual o autor analisa duas obras voltadas ao público infantil durante o século XIX. Além disso, buscamos expor o contexto educacional nos períodos em que há maior concentração de pesquisas, entre os séculos XIX e XX.

Deste modo, temos:

Tabela 5: Recorte temporal das publicações

Até o século XIX	2	3,33%
Século XIX	11	18,33%
Século XIX-XX (transição)	9	15%
Século XX	36	60%
Séculos XX – XXI	2	3,33%

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Ao verificar o recorte temporal das publicações analisadas evidenciamos que o século XX é o período com maior número de estudos, sendo 36 publicações, o que evidencia a concentração de produções nesse século. Em seguida, o século XIX é o período que apresenta o segundo maior número de produções, 11. Do total de publicações expostas na Tabela 5, 15% estão alocadas entre o século XIX e XX.

Acreditamos que o percentual significativo de produções entre os séculos XIX e XX se deve ao fato de ser um período de muitas mudanças no país, principalmente relacionadas à educação. A seguir traçamos um breve histórico dos acontecimentos desse período a fim de tentar justificar tal hipótese.

Machado e Martineli (2017), ao tratar o papel dos livros infantis neste período de transição entre o XIX para o XX, destacam que o país vivia em um contexto de mudanças econômicas, sociais e políticas que marcaram de maneira profunda a história do Brasil. As autoras ressaltam que devido a proclamação da República, bem como o desenvolvimento do capitalismo no Brasil e a ascensão industrial, a educação ganhou destaque e assumiu o papel de educar e instruir as crianças, preparando-as para viver no novo modelo republicano. Esta instrução consistia no ensino de “valores morais, cívicos e religiosos” (MACHADO; MARTINELI, 2017, p. 514), visto que o país iniciava o processo de modernização e a educação era primordial para esse momento.

Segundo Machado e Martineli (2017, p. 515), “a escola seria, então, o espaço de criação de uma tradição coletiva e de padronização da nação. Os republicanos acreditavam no poder da escola em moralizar, civilizar a sociedade, para tanto era necessário organizá-la”. Em meio a isso, e, diferentemente dos séculos anteriores, as autoras destacam também a publicação de livros infantis que levaram a criança para o cerne da instrução educacional, bem como de políticas governamentais.

Foi no contexto da escolarização das massas e da universalização da educação popular no país que se iniciou a implantação da escola primária, denominada também de grupo escolar, pois entendiam que a educação para todos era uma necessidade. Assim, o indivíduo deveria receber a educação intelectual, moral e patriota (MACHADO; MARTINELI, 2017).

Acerca da escolarização das massas, Silva (2003, p. 55) realça que no decorrer do século XX, sobretudo na Era Vargas, há evidências das relações estabelecidas entre Igreja e Estado, no que tange a disputa pela “criação, administração e gestão do ensino”. Neste contexto está a criação do Ministério da Educação e Saúde que, conforme a autora, “estimula a disputa pelo controle ideológico e técnico da escola” (SILVA, 2003, p. 55). Além disso, dois grupos se organizam para regular e consolidar as práticas da escola, transformando numa hegemonia cultural, são eles: os católicos e os pioneiros. O primeiro delegava à Igreja e à família o papel principal da educação, e ao Estado o papel secundário. O segundo grupo visava promover os princípios liberais e democráticos no contexto da escola (SILVA, 2003).

Na década de 1950, Nascimento (2006) retrata que a ideologia do nacional-desenvolvimentismo foi peça essencial no governo de Juscelino Kubitschek, pois visava formar nos brasileiros a mentalidade para o desenvolvimento nacional. Com o investimento do capital na indústria, a população rural migrou para os grandes centros urbanos o que acarretou mudanças no meio rural, no desenvolvimento urbano e industrial, bem como no aumento de desigualdades sociais (NASCIMENTO, 2006).

Para tentar sanar os problemas sociais, o governo de João Goulart manteve os mesmos moldes políticos, entretanto, por meio de reformas de base buscou alterar a direção da economia no país, o que gerou uma nova crise econômica e social e levou ao que Nascimento (2006, n/p.) chama de “golpe militar de 1964”. A educação nesse contexto é marcada pela elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Contudo o autor realça que a LDBEN frustrou a classe progressista, pois não atendia aos anseios das camadas populares (NASCIMENTO, 2006).

Cabe ressaltar que nas publicações analisadas não foram encontradas menções acerca dos governos de Juscelino Kubitschek e de João Goulart. As produções, em meio a seus assuntos, mencionam o período, mas não os dirigentes do país naquele momento.

Ainda acerca da década de 1960, Saviani (2005, p. 18) ressalta que foi um período de “intensa experimentação educativa, deixando clara a predominância da concepção pedagógica renovadora”, entretanto, o autor também evidencia o desgaste desta concepção, uma vez que muitas dessas experiências e movimentos se encerram ao final da mesma década. Concomitante, “articula-se a tendência tecnicista, de base produtivista” (SAVIANI, 2005, p. 18) que continuou em vigor na década de 1970. Nessa década fica evidente a busca pela sujeição da educação ao desenvolvimento da

economia, uma vez que era necessário que a educação se torna-se funcional ao capitalismo (SAVIANI, 2005).

Segundo Saviani (2005, p. 21), a concepção produtivista, “vem se mantendo como dominante ao longo das últimas quatro décadas”, ou seja, segundo o autor a educação ao longo dos últimos permanece sujeita ao capitalismo e suas formas de atuação na sociedade.

Constatamos também que há publicações em que os recortes temporais são extensos e perpassam ou alocam-se na transição dos séculos, são elas:

Quadro 9: Publicações em que os recortes temporais são extensos

Publicação	Recorte temporal
CHARTIER, A. M. (2016). “ <i>Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino</i> ”.	Séculos XVI e XXI
PESAVENTO, S. J. (2003). <i>O mundo como texto: leituras da história e da literatura. Literatura como fonte para a História.</i>	Século XIV – 2000

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As produções destacadas no Quadro 9, de autoria de Chartier (2016) e de Pesavento (2003), percorrem um longo período. Chartier (2016) recorre a memórias pessoais e à produção acadêmica para apresentar reflexões acerca da alfabetização e do ensino escolar da leitura ao longo do tempo. Já Pesavento (2003) em seu artigo tece considerações sobre a História e a Literatura a partir da perspectiva da História Cultural. Para tanto, a autora caminha pela história dessas disciplinas relacionando-as na dicotomia aproximação e distanciamento.

Neste capítulo, expomos a análise quantitativa dos dados levantados nas produções das revistas eletrônicas. Esse processo de análise e descrição nos mostrou, principalmente, que é nas regiões Sudeste e Sul que se concentram as publicações tendo a leitura como tema. O que evidencia a indicação dos grupos de pesquisa dos quais os autores das publicações fazem parte.

4. ANÁLISE DESCRITIVA DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE LEITURA EM PERIÓDICOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O objetivo deste capítulo é o de analisar o conteúdo das produções acadêmicas acerca da leitura, publicadas em periódicos de História da Educação entre 1997 a 2021. Para tanto, nos orientamos pelo método proposto por Mortatti (1999, p. 71), no qual os textos são tidos como “a materialização de um projeto (discursivo)”. Apresentamos os trabalhos publicados nos periódicos de História da Educação, buscando responder sobre “o quê?” – ou seja, qual o tema abordado nas publicações; “como?” – os referenciais e procedimentos teórico-metodológicos aplicados; e “por quê?” – ou seja, as justificativas e os objetivos que moveram cada uma das pesquisas selecionadas.

Como já mencionado, em 1997, ano de primeira edição do periódico mais antigo, não foram encontradas publicações com o descritor leitura. Sendo assim, neste item serão analisadas 62 trabalhos publicados entre 1998 e 2021. A partir da leitura das produções selecionadas, visando responder ao aspecto “o quê?”, questionando sobre os temas e conteúdos das publicações, percebemos que as produções estavam relacionados com os suportes de leitura, com a alfabetização e, também com as práticas culturais. Desse modo, separamos os títulos por categorias, as quais denominamos de: “Suportes de leitura”, “Ensino da leitura e da escrita (alfabetização)” e “Práticas de leitura e representações”.

Das publicações podemos afirmar que:

- 36 formam a categoria “Suportes de leitura”.
- 14 a categoria “Práticas de leitura e representações”.
- 11 a categoria “Ensino da leitura e da escrita (alfabetização)”.

Observamos a predominância do suporte de leitura como objetivo de quase 60% das publicações localizadas, cabendo às duas outras categorias uma divisão quase igualitária dos 40% restante. Não enquadrámos a pesquisa de Peres e Ramil (2015) entre tais categorias, como explicamos adiante, totalizando 61 publicações

4.1 “O quê?” – Os temas e conteúdos abordados nas publicações localizadas

Neste item apresentamos uma análise em torno dos temas e conteúdos das publicações levantadas, ou seja, “o quê” tais publicações pesquisaram, com ênfase para o temas dos artigos. Depois das leituras dos artigos de forma integral, dividimos as

produções por categorias: 4.1.1 “Suportes de Leituras”; 4.1.2 “práticas de leituras e representações”; 4.1.3 “ensino de leitura e da escrita (alfabetização)”. Após essa divisão, percebemos a possibilidade de evidenciar subcategorias, como as apresentadas a seguir.

Compete informar que dentre as 62 publicações o texto *“A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação”* de Peres e Ramil (2015), publicado pela RHE, aborda a constituição dos acervo do Grupo de Pesquisa HISALES desde sua criação, em 2006 e portanto, não foi considerado nas subcategorias, por referir-se a um balanço de pesquisas do grupo. As autoras destacam entre os eixos de estudos do grupo HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares): as “investigações sobre a história alfabetização”; as “pesquisas acerca das práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita - cultura escrita e práticas de letramentos”; e as “análises da produção, circulação e utilização de livros escolares elaborados por autoras gaúchas” (PERES; RAMIL, 2015. p. 298).

4.1.1 Suportes de Leitura

Os autores das publicações desta categoria tratam dos seguintes suportes de leitura: livros de leitura, livros didáticos, livretos, cartilhas, boletins e impressos – revistas e jornais.

Antes de prosseguirmos a discussão sobre esta categoria, convém aqui conceituar os termos livro, livro de leitura e manuais escolares. De acordo com Goulart e Lobo (2016) por não haver um único suporte para o texto, há diferentes representações acerca da leitura. As autoras conceituam o livro como

espaço não fechado em si mesmo, mas que se move na abertura de ações interpretativas, inventivas e livres na produção de sentidos. O livro, mesmo em sua materialidade impressa, na demarcação e fixação das palavras escritas, libera a transitoriedade, a imparcialidade e a pluralidade dos sentidos produzidos (GOULART; LOBO, 2016, p. 6)

No livro, sendo múltiplo tanto em sua materialidade quanto nos sentidos produzidos, há interação entre leitor e texto, como as autoras complementam “mesmo em cada leitura, em cada suporte que acolha as palavras escritas, a relação se modifica,

abrem-se outros espaços de experiências, de criação e de diálogos”(GOULART, LOBO, 2016, p. 6).

Ao tratar de livros cívicos da Primeira República para crianças, Hansen (2011) nos mostra que no fim do século XIX e início do século XX, os livros de leitura têm como cerne a infância brasileira, constituído de narrativas sobre diferentes assuntos, aplicados por meio de uma pedagogia moral. Tal como Hansen (2011), entendemos por livro de leitura o tipo de texto produzido para crianças, com aspectos literários e didáticos.

Acerca dos manuais escolares, Cunha (2013) ao analisar a produção e circulação do manual escolar *Lições de Pedagogia* de Aquiles Archêro Junior (1955), destaca que devido à ampliação da escolarização da educação, o crescimento dos níveis de alfabetização e a circulação dos tipos de impressos, a escola passou a ser o principal ambiente de transmissão do saber e de maneira gradativa os manuais escolares passaram a ser inseridos no cotidiano escolar, “seja para facilitar o trabalho de ensino do professor em sala de aula, seja para auxiliar os alunos durante os processos de aprendizagem” (CUNHA, 2013, p. 288). De tal modo,

Símbolos pedagógicos, *instrumentos de ensino*, objetos de controle por parte do Estado, desde o século XIX, os manuais escolares, repletos de conhecimentos elaborados no interior do campo da Pedagogia consolidaram-se, a partir dos inícios do século XX, no conjunto de várias especializações da chamada Pedagogia *científica*. (CUNHA, 2013, p. 288-289, grifo da autora)

Igualmente, entendemos os manuais escolares como instrumentos elaborados a partir de conhecimentos científicos e pedagógicos produzidos ao longo do tempo, que norteiam pedagogicamente tanto o trabalho do professor quanto o processo de aprendizagem do aluno. Cremos que o que os diferencia dos livros de leitura é o seu caráter orientador.

Para prosseguir, é importante ressaltar que após a divisão das publicações em categorias, percebemos a possibilidade de criar subcategorias. Assim, na categoria “Suportes de leitura” temos as subcategorias:

- **Produção, seleção e circulação de livros:** Peres (1999; 2020); Castro e Castellanos (2013); Moraes (2013); Rocha (2013); Oliveira e Trevisan (2015); Vahl et al (2015); Bertoletti e Silva (2016); Luchese (2017; 2019); Sousa et.al (2018). Composta por 11

trabalhos, essa subcategoria trata da produção, seleção e circulação de livros de leitura e livros didáticos. Nesta subcategoria percebemos que a maioria dos títulos estão relacionados aos livros de leitura (seis) e quatro aos livros didáticos. Observa-se nessa subcategoria a recorrência de autoria: Peres (1999; 2020) e Luchese (2017; 2019). Como exposto no capítulo anterior desta dissertação, as produções de Luchese estão correlacionadas, uma vez que o texto do ano de 2017 “*Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945)*” apresenta os resultados parciais da pesquisa e no trabalho do ano de 2019, “*‘E não nos deixeis cair em tentação’*: livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX)” a autora mostra os resultados finais da pesquisa. Cabe ressaltar que as publicações recorrentes da autora Eliane Peres estão expostas também no capítulo anterior, no item 1.6 Recorrência de autoria.

- **Manuais escolares, livros didáticos e livros escolares de leitura:** Corsetti, et al (2009); Arantes (2013); Cunha (2017); Artieda (2019). As produções que compõem esta subcategoria abordam os manuais escolares, livros didáticos e livros escolares de ensino da leitura para os alunos. Essas publicações têm em comum a análise desses suportes no século XIX e meados do século XX.

As publicações de Corsetti et al (2009) e de Arantes (2013), também cabem na categoria “Práticas de leituras e representações” por tratar, respectivamente, da apropriação de discursos e representações nos manuais escolares. Além disso, as autoras Arantes (2013) e Artieda (2019) levantam as questões de etnia, sendo a primeira sobre a representação dos negros nos livros, a segunda acerca dos indígenas nos livros escolares argentinos.

- **Livros de leitura:** Bastos e Garcia (1999); Tambara (2005); Arena (2006); Nery e Stanislavski (2011); Filho (2011); ; Machado et al (2013); Bortolanza (2015); Goulart (2017); Machado e Martineli (2017); ; Panizzolo (2019); Serrano-López (2019). Esta subcategoria é composta por 11 publicações que discorrem acerca dos livros de leitura e o conteúdo desses que, basicamente giram em torno da formação de valores, da civilidade, da moral e, sobre questões de higiene, gênero e sexualidade.

Sobre isso, podemos citar o texto “*Leituras de formação - Noções de vida doméstica (1879)*: Félix Ferreira traduzindo madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras”, publicado pela RHE, onde Bastos e Garcia (1999) analisam um exemplar do livro de leitura *Noções de vida doméstica* de madame Hippeau. Destinado à disciplina de economia doméstica, esse livro, traduzido por Félix Ferreira, visava à

educação de mulheres e, conforme as autoras, “possibilita conhecer a imagem modélica forjada pela *ilustração brasileira* - traduzida por uma voz masculina, para a educação da mulher, que pretende fazer *de cada aluna uma verdadeira dona de casa*” (BASTOS E GARCIA, 1999, p. 92, grifo das autoras).

- **Manuais pedagógicos de/para professores:** Silva (2003; 2003); Gualtieri (2012); Trevisan (2012); Orlando (2014); Dassie (2018); Pereira (2019). Os sete textos que compõem esta subcategoria tratam de leituras que orientam e formam a prática pedagógica; em parte significativa das produções os autores identificam como manuais pedagógicos.

A respeito das produções que tratam da leitura para professores, cabe ressaltar que elas enfatizam que tanto a autoria quanto a implementação de métodos eram realizadas por meio dos professores normalistas. Conforme Silva (2003):

[...] no caso brasileiro, são notáveis as iniciativas do Estado no que tange à publicação de manuais para professores, quando, por exemplo, professores de Escolas Normais, nomes ligados ao grupo dos “pioneiros”, inspetores de ensino escrevem títulos dessa natureza [...] e também as iniciativas da Igreja, quando padres e membros do laicato católico assinam esse tipo de texto (SILVA, 2003, p.53).

A autora ressalta a participação de professores normalistas, bem como de padres e membros da igreja católica na autoria de cartilhas. Assim como a produção de Silva (2003), intitulada “*Leituras para professores: apropriação e construção de saberes nos manuais pedagógicos brasileiros escritos pelos "católicos" (1870-1971)*”, outras publicações levantadas mostram que os autores das cartilhas e criadores de métodos eram professores normalistas. Vale destacar que as publicações de Silva (2003; 2003) estão correlacionadas e partem dos estudos em nível de mestrado e doutorado da autora.

- **Imprensa e impressos:** Boto (1999); Frade (2012); Santos (2013). As publicações de Boto (1999) e Santos (2013) abordam a imprensa portuguesa acerca da leitura nos impressos como um meio da formação educacional, moral e cívica de crianças e de mulheres. Já a produção de Frade (2012) trata dos recursos gráficos e tipográficos de impressos brasileiros e franceses.

4.1.2 Práticas de leituras e representações

Esta categoria refere-se à leitura enquanto prática social e cultural, além de tratar das representações. Acerca dela temos as seguintes subcategorias e as publicações:

- **Representação e apropriação de conceitos:** Paulilo (2002); Pesavento (2003); Machado et al (2012); Goulart (2015); Chartier (2003; 2016); Veloso e Oliveira (2016); Neto e Steindel (2017); Giglio (2019). Com 9 publicações, esta subcategoria abarca textos que retratam as apropriações e as representações acerca da leitura em diferentes situações. Como por exemplo, o texto “*O discurso educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950)*” de Machado et al (2012), no qual os autores reportam as “relações entre as representações do homem do campo, veiculadas pelo Almanaque do Biotônico Fontoura, e a produção de uma memória coletiva acerca do sertanejo” (MACHADO et al, 2012, p. 78).

Os autores Machado e Rossi, juntamente com Rodrigues, também analisam o Almanaque do Biotônico Fontoura na publicação “*Práticas de leituras escolares nos anos 20: Os usos do Almanaque Biotônico Fontoura*” – Machado et al (2013), alocado na categoria “Suportes de Leitura”.

- **Práticas de leitura e de escrita fora do ambiente escolar:** Segura (2004); Pereira e Sarti (2010); Carvalho e Stephanou (2015); Martins e Reis (2016); Reis e Galvão (2020). As cinco produções desta subcategoria retratam as práticas de leitura e de escrita para além do ambiente escolar, citamos, por exemplo, o texto de Reis e Galvão (2020) “*Práticas de leitura no centro psychico de Caetité, Bahia, Brasil (1905-1930)*”, no qual, relacionando religião (espírita), alfabetização e cultura escrita, as autoras buscam reconstruir as práticas de leitura ocorridas, para além da escola, nas reuniões do Centro Psychico.

Assim, as publicações desta categoria apresentam as práticas culturais e sociais de leitura, bem como os conceitos de representação e apropriação em contextos escolares e não escolares.

4.1.3 Ensino da leitura e da escrita (alfabetização)

Nesta categoria os títulos tratam principalmente dos métodos de ensino da leitura e da escrita, bem como o uso de cartilhas no processo de ensino e aprendizagem.

As subcategorias da categoria “Ensino da leitura e da escrita (alfabetização)” e as produções são:

- **Métodos de ensino da leitura:** Oliveira (1998); Mortatti (1999); Warde e Panizzolo (2010); Pereira (2009); Menezes (2010). Os métodos de ensino da leitura tratados nesta subcategoria referem-se aos métodos: Analítico e Global. Para melhor visualização, segue o Quadro 5 com os métodos analisados e os autores das produções:

Quadro 10: Produções acerca dos métodos de ensino da leitura

Métodos de ensino da leitura	Publicações
Analítico	Mortatti (1999); Pereira (2009); Warde e Panizzolo (2010).
Global	Oliveira (1998); Menezes (2010).

Elaborado pela autora, 2023.

O método analítico destacado nas publicações de Mortatti (1999), de Pereira (2009) e das autoras Warde e Panizzolo (2010), visa especificamente ao ensino da leitura. Mortatti (1999) expõe a história de algumas cartilhas analíticas e autores num período de mudança, proposta pelos reformadores do ensino paulista. Já as autoras Pereira (2009) e Warde e Panizzolo (2010) apresentam os conceitos propostos por Theodoro de Moraes e por João Köpke, respectivamente, para o ensino da leitura, os quais defendem o método analítico. O período de recorte das produções é o mesmo: entre 1890 a 1956. Recorda Mortatti (1999, p. 129) “entre o final da década de 1890 e início da década de 1900, que começaram a ser publicadas cartilhas brasileiras afinadas com o novo método para o ensino da leitura”, ressaltando o fervor do método analítico no período analisado pelas produções. Já os autores Oliveira (1998) e Menezes (2010) estudam em suas produções o método global de ensino da leitura por meio da *Cartilha Maternal* de João de Deus.

- **Ensino da leitura e da escrita:** Schueler (2005); Abreu (2012); Monaghan e Saul (2016); Peres (2020); Peres et al (2018). Esses trabalhos abordam o ensino da leitura e da escrita, diferentemente da subcategoria anterior, no qual as publicações versam apenas sobre o ensino da leitura.

Schueler (2005) trata do ensino da leitura e da escrita por meio do método Bacadafá de autoria de Pinheiro de Aguiar. Segundo a autora, esse método transita entre os métodos tradicionais sintéticos e os modernos métodos analíticos. Este trabalho, apesar de tratar sobre um método específico de alfabetização, não está alocado na subcategoria anterior por se tratar também do ensino da escrita.

A publicação de Silva e Pietri (2021) não foi alocada em uma subcategoria específica por se tratar de um levantamento de dissertações de mestrado oriundas de

instituições públicas e privadas, entre os anos de 1983 e 1989. Essa produção buscou conhecer como o ensino da leitura se constituiu objeto de pesquisas acadêmicas no país naquele contexto.

Cabe destacar que uma quantidade considerável das produções desta categoria mencionam as pesquisas da autora Maria do Rosário Longo Mortatti, o que ressalta a autora como referência nos estudos acerca dos métodos de alfabetização.

De maneira condensada, os textos desta categoria tratam tanto dos métodos de ensino da leitura quanto da escrita. Além disso, as publicações realçam a biografia dos professores que implementaram os métodos de ensino, bem como os autores das cartilhas.

Apenas as produções de Abreu (2012) e de Monaghan e Saul (2016) não apresentam esses métodos por meio do uso de cartilhas ou livros; as demais publicações abordam a temática tendo como base esses suportes.

É interessante ressaltar a publicação de Monaghan e Saul (2016), na qual os autores expõem a momentos da história da leitura e da escrita nos Estados Unidos. Eles expõem que o ensino da leitura e da escrita era distinto, ou seja, eram ensinados de forma separada, “tradicionalmente, estas foram ensinadas como áreas separadas do currículo” (MONAGHAN; SAUL, 2016, p. 110). Observamos que este é o texto que trata das leituras silenciosa e oral de maneira mais densa. Inclusive os autores ressaltam que no final do século XIX a leitura oral era vista como desempenho oral, mas no início do século XX transita para uma leitura como compreensão (MONAGHAN; SAUL, 2016).

4.2 Como?: Referenciais teórico-metodológicos das produções

No que tange à metodologia utilizada nas 62 publicações levantadas, questionamos neste item sobre quais os referenciais teórico-metodológicos utilizados nas publicações levantadas (como?).

Observamos que os referenciais teórico-metodológicos utilizados nas produções levantadas, em sua maioria, referem-se a perspectiva da História Cultural, que busca “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Destacamos os trabalhos de: Bastos e Garcia (1999); Peres (1999); Paulilo (2002); Chartier (2003; 2016); Pesavento (2003); Silva (2003; 2003); Schueler (2005); Arena (2006); Pereira (2009);

Menezes (2010); Pereira e Sarti (2010); Warde e Panizzolo (2010); Frade (2012); Machado et al (2012); Machado et al (2013); Arantes (2013); Castro e Castellanos (2013); Rocha (2013); Orlando (2014); Goulart (2015); Vahl et al (2015); Bertoletti e Silva (2016); Martins e Reis (2016); Veloso e Oliveira (2016); Cunha (2017); Goulart (2017); Luchese (2017); Neto e Steindel (2017); Luchese (2017; 2019); Sousa et.al (2018); Peres et al (2018); Giglio (2019); Panizzolo (2019); Peres (2020); Reis e Galvão (2020).

Há publicações em que o referencial teórico-metodológico utilizado não está explícito, entretanto, ao ler os textos entende-se que se trata da História Cultural, como os textos de: Oliveira (1998); Boto (1999); Nery e Stanislavski (2011); Moraes (2013); Monaghan e Saul (2016); Machado e Martineli (2017); Dassie (2018); Peres (2020).

Mortatti (1999) na produção “*Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino de leitura em São Paulo (1890-1920)*”, por meio de cartilhas e da *Revista de Ensino* apresenta os resultados de uma pesquisa de caráter documental e bibliográfica acerca do ensino inicial da leitura.

Na publicação “*A leitura escolar como construção ideológica: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906)*”, Tambara (2005) analisa as práticas de leitura e a inculcação ideológica pelo viés sociológico, utilizando para isto os conceitos de Pierre Bourdieu.

No artigo “*A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação*” Peres e Ramil (2015) têm o intuito de apresentar a constituição dos acervos do HISALES, “considerando sua constituição, organização e manutenção desde a criação do grupo em 2006” (PERES E RAMIL, 2015). Assim, baseadas na perspectiva da História Cultural, as autoras expõem os acervos por meio de categorias e coleções, bem como informações e a quantidade de cada item.

Na pesquisa “*Discursos do poder, política educacional e os livros didáticos de leitura no Rio Grande do Sul (1930-1945)*” Corsetti et al (2009) utiliza o agrupamento do conteúdo identificado nos livros por categorias teóricas que foram aproximadas e analisadas dialeticamente e, em seguida, cruzou os elementos com os “discursos dos dirigentes maiores da política educacional brasileira” (CORSETTI, et al, 2009, p. 81).

Em “*La operación del dispositivo de sexualidad en las identidades emocionales atribuidas a los niños en los libros de lectura españoles y colombianos en la primera mitad del siglo XX*”, Serrano-López (2019) analisa os discursos acerca do

comportamento subjetivo infantil quanto ao gênero e sexualidade em livros espanhóis e colombianos, para isso o autor utiliza-se dos conceitos de Foucault.

No trabalho “*O fim do livro? O que as escritas e os escritores virtuais nos auxiliam nessa discussão na perspectiva da história das práticas de leitura e escrita*” de Carvalho e Stephanou (2015), ancoradas na perspectiva da História Cultural, as autoras utilizam da netnografia⁶⁸ que, segundo elas, refere-se ao método etnográfico em relação à internet, para analisar a escrita virtual de jovens leitores.

Filho (2011), na produção “*Livrinhos que eram verdadeiros tesouros: leituras para crianças no Brasil Imperial*”, utiliza em suas análises o conceito de civilidade de Norbert Elias.

Nas produções de Abreu (2012), de Gualtieri (2012) e Santos (2013), os autores baseam-se nos conceitos de Roger Chartier e Michel Foucault, para tratar sobre discursos nos textos e acerca da disciplina dos corpos, além de raça, corpo e higiene.

No texto de Bortolanza (2015) com o título “*A educação burguesa em viagens de Gulliver: apontamentos para uma leitura na perspectiva histórica do texto literário clássico*”, a autora se apoia em autores como Marx e Engels (1993), Alves (1993), Vygotsky (2006) e Swift (2005), o que nos leva a deduzir que esta publicação ancora-se nos conceitos do materialismo dialético.

Nas produções: “*Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: atuação da comissão revisora de 1918*” de Oliveira e Trevisan (2015); e, “*O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d'Ávila: Práticas escolares (1940)*” de Trevisan (2012), os autores utilizam o método de análise da configuração textual proposto por Mortatti (2000).

Já no texto de Pereira (2019) “*Memória discursiva em manuais de leitura de meados do século XX - utilitarismo e individualismo na arte de ler*”, o autor utiliza o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989) para analisar e interpretar os dados.

Na publicação “*Contribuições da antropologia visual para a análise de leituras sobre povos indígenas Ou de como reduzir os inconvenientes de um estudo ‘isolado’ dos textos escolares*”, Artieda (2020) expõe uma metodologia de análise de livros escolares por meio da antropologia visual, além disso, ancora-se também na História Cultural.

⁶⁸ De acordo com Carvalho e Stephanou (2015, p. 368) “a netnografia possui relação intrínseca com a etnografia, tendo peculiaridades relativas ao locus de estudo que não se constitui mais como uma comunidade limitada a um espaço geográfico, mas comunidades, grupos, movimentos que se organizam num espaço virtual”.

No artigo “*A constituição do ensino de leitura em objeto de pesquisas acadêmicas no Brasil*”, para investigar acerca de como o ensino da leitura se constituiu objeto de investigações acadêmicas no Brasil no século XX, Silva e Pietri (2021), utilizam a perspectiva discursiva de linha francesa, com base em conceitos propostos por Maingueneau (1997; 2005).

Assim, percebemos que as produções levantadas para esta pesquisa estão ancoradas, em uma quantidade considerável, na perspectiva da História Cultural. Além dos referenciais Materialismo Histórico-Dialético, paradigma indiciário de Ginzburg, e método de análise textual de Mortatti e outros, logo, salientamos que as publicações podem estar ancoradas em mais de um referencial analítico.

Para melhor visualização, apresentamos a seguir um quadro síntese com os referenciais utilizados nas publicações.

Quadro 11: Referenciais teórico metodológicos e autores das produções

Referenciais teóricos e seus representantes		Publicações
Análise textual	Maria do Rosário Longo Mortatti	Mortatti (1999); Trevisan (2012); Oliveira e Trevisan (2015).
História Cultural	Roger Chartier	Oliveira (1998); Bastos e Garcia (1999); Boto (1999); Peres (1999); Paulilo (2002); Chartier (2003; 2016); Pesavento (2003); Silva (2003; 2003); Schueler (2005); Arena (2006); Pereira (2009); Menezes (2010); Pereira e Sarti (2010); Warde e Panizzolo (2010); Nery e Stanislavski (2011); Abreu (2012); Frade (2012); Gualtieri (2012); Machado et al (2012); Machado et al (2013); Arantes (2013); Castro e Castellanos (2013); Moraes (2013); Rocha (2013); Santos (2013); Orlando (2014); Carvalho e Stephanou (2015); Goulart (2015); Peres e Ramil (2015); Vahl et al (2015); Bertoletti e Silva (2016); Martins e Reis (2016); Monaghan e Saul (2016); Veloso e Oliveira (2016); Cunha (2017); Goulart (2017); Luchese (2017); Machado e Martineli (2017); Neto e Steindel (2017); Luchese (2017; 2019); Dassie (2018); Sousa et.al (2018); Peres et al (2018); Giglio (2019); Panizzolo (2019); Artieda (2020); Peres (2020); Reis e Galvão (2020).
Materialismo Dialético	Karl Marx e Friedrich Engels.	Corsetti, et al (2009); Bortolanza (2015).
Paradigma Indiciário	Carlo Ginzburg	Pereira (2019).
Perspectiva Discursiva	Dominique Maingueneau	Silva e Pietri (2021).
Teorias Sociológicas	Michel Foucault; Pierre Bourdieu; Norbert Elias;	Tambara (2005); Filho (2011); Abreu (2012); Gualtieri (2012); Santos (2013); Panizzolo (2019); Serrano-López (2019).

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Com referência ao quadro síntese, destacamos que os autores das pesquisas localizadas podem usar mais de uma referência de análise e, portanto, aparecer mais de uma vez.

Como mencionado, a perspectiva que mais se destaca é a História Cultural. Catani; Faria Filho (2002); Buffa (2015) ressaltam que a partir de 1990, uma das perspectivas que predomina nas pesquisas em história da educação no Brasil é a História Cultural, em seguida, a concepção dialética.

No tópico seguinte apuramos quais foram as fontes utilizadas nas publicações levantadas.

4.2.1 Fontes utilizadas nas pesquisas em História da Leitura

Neste item buscamos expor as fontes utilizadas nas publicações levantadas. Para melhor visualização apresentamos o Quadro 12 com as fontes, bem como os autores das investigações:

Quadro 12: Fontes analisadas nas publicações dos periódicos eletrônicos

Fonte	Publicações
Cartilhas	Oliveira (1998); Mortatti (1999); Tambara (2005); Peres et al (2018).
Jornais, revistas e boletins	Boto (1999); Mortatti (1999); Tambara (2005); Arena (2006); Warde e Panizzolo (2010); Frade (2012); Gualtieri (2012); Castro e Castellanos (2013); Moraes (2013); Santos (2013); Goulart (2015; 2017); Martins e Reis (2016); Veloso e Oliveira (2016); Peres (2020); Reis e Galvão (2020).
Livros de leitura	Bastos e Garcia (1999); Peres (1999); Tambara (2005); Pereira (2009); Pereira e Sarti (2010); Nery e Stanislavski (2011); Filho (2011); Machado et al (2012); Machado et al (2013); Bortolanza (2015); Machado e Martineli (2017); Luchese (2017); ; Luchese (2017; 2019); Panizzolo (2019); Serrano-López (2019); Reis e Galvão (2020).
Manuais (professor e/ou aluno)	Tambara (2005); Corsetti, et al (2009); Arantes (2013); Cunha (2017); Artieda (2019); Silva (2003; 2003); Trevisan (2012); Orlando (2014); Oliveira e Trevisan (2015); Bertolotti e Silva (2016); Dassie (2018); Pereira (2019).
Manuscritos	Paulilo (2002); Pesavento (2003); Schueler (2005); Menezes (2010); Abreu (2012); Reis e Galvão (2020).

Fontes indiretas ⁶⁹ (pesquisas bibliográficas)	Monaghan e Saul (2016); Silva e Pietri (2021); Chartier (2003; 2016).
Documentos e relatórios	Segura (2004); Abreu (2012); Rocha (2013); Vahl et al (2015); Martins e Reis (2016); Neto e Steindel (2017); Giglio (2019); Reis e Galvão (2020).

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Diante do exposto no Quadro 12, percebemos que a fonte mais utilizada nas publicações levantadas são os livros de leitura, seguido dos jornais e revistas.

O trabalho “*O fim do livro? O que as escritas e os escritores virtuais nos auxiliam nessa discussão na perspectiva da história das práticas de leitura e escrita*” de Carvalho e Stephanou (2015), não aparece no Quadro 12, entretanto, destacamos que investiga as práticas de escrita virtual de jovens leitores que leem outros autores e, partir dessas leituras, criam outras obras. Esse texto foi desenvolvido por meio de *fanfictions* que, de acordo com as autoras, são histórias ficcionais criadas por leitores de obras originais.

Além disso, há publicações que utilizam mais de um tipo de fonte de pesquisa e, portanto, os autores podem aparecer mais de uma vez no Quadro 12. Como é o caso do texto de Reis e Galvão (2020) “*Práticas de leitura no centro psíquico de Caetité, Bahia, Brasil (1905-1930)*”, no qual as autoras usam atas, cartas, cartões, livro de leitura (manifestação dos espíritos), bem como textos publicados em jornais e revistas para realizarem a investigação acerca da leitura.

4.3 Por quê?: Objetivos e justificativas das produções

Neste item buscamos evidenciar os objetivos que moveram as pesquisas levantadas (“por quê”). Vale destacar que os objetivos foram assim elencados a partir da tentativa de relacioná-los às categorias propostas no início deste capítulo.

De modo geral, temos os objetivos:

- Tratar da produção, da seleção e da circulação de suportes de leitura: Peres (1999); Frade (2012); Moraes (2013); Oliveira e Trevisan (2015); Vahl et al (2015); Bertoletti e Silva (2016); Luchese (2017); Luchese (2019).

⁶⁹ Utilizamos o termo de Barros (2012). A respeito da posição das fontes, o autor destaca que as fontes indiretas são baseadas em informações que passam por um ou mais intermediários. Assim, nesta dissertação, refere-se as publicações que utilizaram outras pesquisas como fonte para análise. Para mais informações acerca das fontes indiretas: BARROS, José D’Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. *Revista Mouseion*, n. 12, mai-ago, pp.129-159. ISSN: 1981-7207. Canoas/RS, 2012.

- Analisar as cartilhas, os manuais escolares e pedagógicos, os livros didáticos e os livros de leitura: Mortatti (1999); Arena (2006); Filho (2011); Machado et al (2013); Rocha (2013); Cunha (2017); Dassie (2018); Peres et al (2018). Pereira (2019); Peres (2020).

- Investigar métodos para o ensino da leitura e da escrita: Oliveira (1998); Paulilo (2002); Chartier (2003; 2016); Schueler (2005); Pereira (2009); Menezes (2010); Warde e Panizzolo (2010); Monaghan e Saul (2016); Peres (2020); Silva e Pietri (2021).

- Mostrar orientações didáticas para professores: Silva (2003; 2003); Gualtieri (2012); Trevisan (2012); Santos (2013).

- Abordar as atividades docente: Abreu (2012); Orlando (2014).

- Identificar práticas de leitura e de escrita: Pereira e Sarti (2010); Carvalho e Stephanou (2015); Reis e Galvão (2020).

- Analisar as representações e as apropriações de conceitos: Bastos e Garcia (1999); Tambara (2005); Corsetti, et al (2009); Nery e Stanislavski (2011); Machado et al (2012); Arantes (2013); Bortolanza (2015); Goulart (2015); Veloso e Oliveira (2016); Goulart (2017); Serrano-López (2019); Giglio (2019);

- Mostrar as práticas de leitura e de escrita para além do ambiente escolar: Segura (2004); Castro e Castellanos (2013); Martins e Reis (2016); Neto e Steindel (2017).

- Investigar acerca da inculcação de valores, civilidade e ideologia por meio de livros: Boto (1999); Machado e Martineli (2017); Panizzolo (2019).

Além dos objetivos e autores citados, há publicações em que os objetivos são únicos, são eles:

- O artigo de Pesavento (2003) visa a discutir as aproximações e os distanciamentos entre a História e a Literatura, tendo a Literatura como fonte para a História.

- Peres e Ramil (2015) escreveram o artigo com a finalidade de apresentar o acervo do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES).

- A produção de Sousa et al (2018) não apresenta de maneira explícita o objetivo do texto, entretanto, por meio da leitura percebe-se que os autores visam descrever a história da leitura e do livro no Brasil relacionando o período colonial com a contemporaneidade.

- Artieda (2019), em sua publicação, objetiva expor uma metodologia de análise de leituras sobre os indígenas nos livros escolares da Argentina.

Assim fechamos esse item, onde notamos que os objetivos mais trabalhados pelos autores estão relacionados às representações e as apropriações de conceitos por meio das práticas de leitura. Em seguida, os objetivos acerca dos suportes de leitura, ou seja, aos manuais escolares (professor e/ou aluno) e, aos livros de leitura. E, por fim, aos métodos para o ensino da leitura e da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura tem uma história (CHARTIER, 2011; FISHER, 2006). E, por ser tão vasta é certo dizer que não conseguimos abordá-la em sua totalidade, longe disso. Essa história está contada em produções acadêmicas publicadas em muitos livros e periódicos no Brasil e no mundo. Aqui abordamos uma pequena parte dela, visando contribuir com o campo historiográfico.

A proposta inicial desta pesquisa foi a de pensar a leitura a partir de um mapeamento de publicações em revistas especializadas em História da Educação, bem como analisar os caminhos percorridos pelos pesquisadores na produção dos artigos. O recorte temporal proposto compreende o início da criação do periódico RHE, 1997, até o ano de 2021, ano inicial desta investigação. Cabe lembrar que com este recorte temporal também buscamos dar continuidade à pesquisa de Ferreira (1999).

Analizamos os cinco periódicos eletrônicos em História da Educação no Brasil, são eles: a RHE/ASPHE; a RBHE; a revista CHE; a revista HISTEDBR On-line; e, a RHHE. Notamos a importância desses periódicos no Brasil, visto que fazem parte das ações que expandiram e consolidaram a história da educação no país a partir da década de 1990 (BASTOS, 2016). Vale ressaltar que não analisamos publicações da RHHE por encontrarmos três produções, sendo uma resenha e dois artigos com descritor “leitura” no título. Apenas a resenha tratava sobre a leitura como tema. Contudo, traçamos a história deste periódico na parte introdutória desta dissertação.

O levantamento inicial das publicações foi exaustivo, uma vez que as revistas, até o esse momento, não contavam com um campo específico de busca por descritores, o que nos levou a procurar título por título de cada edição publicada. Após levantar todas as produções com o descritor “leitura”, lemos os resumos dos artigos a fim de averiguar quais, de fato, tratavam sobre a história da leitura. Nesse momento, nos deparamos com a falta de clareza na escrita dos resumos de muitos artigos. Do mesmo modo, Ferreira (1999) retrata em sua tese a falta de homogeneidade nos dados dos resumos. Aqui percebemos essa dificuldade também nas informações descritas nos minicurrículos dos artigos. A falta de clareza nos resumos foi mais um fator que nos levou a ler os trabalhos na íntegra.

Como sugestão da banca de qualificação, no primeiro capítulo buscamos traçar a história da leitura no Brasil utilizando, juntamente com autores de referência, as próprias publicações levantadas. Tivemos dificuldades em reunir o conteúdo acerca da

leitura das 62 publicações em um único capítulo e, por meio dele traçar os caminhos da história da leitura no país, bem como a maneira que a historiografia brasileira delineou esse percurso.

A análise das 62 publicações nos periódicos eletrônicos em História da Educação nos permitiu identificar a predominância de publicações das instituições da região Sudeste, com maior produção no estado de São Paulo, em seguida, na região Sul. Isso nos levou a afirmar que a maior representação quantitativa de pesquisas publicadas com o tema da leitura está nas regiões Sudeste e Sul. Realçamos que não encontramos pesquisas com o descritor “leitura” que partiram da região Norte do país. Além disso, cabe lembrar que a maioria das pesquisas levantadas são de universidades públicas (77,41%). A predominância das regiões Sudeste e Sul, são vistas quase que de maneira óbvia, na indicação dos grupos de pesquisa dos quais os autores das publicações fazem parte.

Constatamos também que de 2010 a 2019 houve a maior produção com o descritor “leitura” nos periódicos, que equivale a 59,67% das publicações. Além disso, percebemos o considerável crescimento de pesquisas acerca deste tema nos últimos anos.

Ao tratarmos da autoria dos trabalhos percebemos que a grande maioria dos autores das produções levantadas são da área da Educação (81,81%), seguida da área de História. O que nos leva a questionar qual o lugar da história da educação no campo de pesquisas? Faz parte da Educação ou da História? Essas perguntas servem de direcionamento para outras pesquisas que, juntamente com as que vêm sendo produzidas a respeito disso, busquem a melhor compreensão desse lugar.

Ao lermos os trabalhos percebemos que há oito textos que não possuem a mesma organização de um artigo científico, os quais denominamos de textos corridos. Destacamos que apenas 5,97% das publicações fazem parte de dossiês temáticos de alguma revista. Cabe lembrar que dentre os dossiês evidenciados, apenas um tratou da leitura de maneira específica. Além disso, 54,83% das publicações levantadas não informaram a situação da pesquisa, se concluída ou em andamento. É importante ressaltar que as publicações têm como principal recorte temporal os séculos XIX e XX.

Dentre os artigos percebemos a recorrência de autoria da Professora Doutora em Educação Eliane Teresinha Peres, com seis trabalhos publicados, individuais e em co-autoria com outros pesquisadores.

Com base nos procedimentos propostos por Mortatti (1999), buscamos responder as questões “o quê?” – ou seja, qual o tema abordado nas publicações; “como?” – os referenciais e procedimentos teórico-metodológicos aplicados; e “por quê?” – ou seja, as justificativas e os objetivos que moveram cada uma das pesquisas selecionadas. Para que isso fosse possível separamos as publicações por categorias e, por conseguinte, subcategorias. Observamos que a predominância do tema suporte de leitura como foco de quase 60% das publicações, seguido das práticas de leitura e representação e, após, ensino da leitura e da escrita.

Acerca do referencial teórico-metodológico utilizado, percebemos que as pesquisas podem estar ancoradas em mais de um referencial analítico. Entretanto, as publicações estão ancoradas em maior quantidade na perspectiva da História Cultural. Como vimos, dentre os referenciais estão também: Materialismo Histórico-Dialético, paradigma indiciário de Ginzburg, método de análise textual de Mortatti e outros.

Finalizamos esta dissertação com o desejo de ter contribuído para a ampliação dos conhecimentos acerca da história da leitura e da história da educação no Brasil. Tal como Ferreira (1999), percebemos a importância desta temática e, portanto, sabemos que merece uma reflexão aprofundada. Esperamos que esta pesquisa abra espaço para outras investigações sobre a história da leitura, sobre a história da educação, bem como sobre os periódicos eletrônicos disponíveis atualmente. Isso porque, além das revistas eletrônicas analisadas aqui, há muitas outras sobre a educação no Brasil passíveis de análises. Como contribuição dessa dissertação, nos apêndices constam as publicações levantadas, as quais podem proporcionar outras pesquisas àqueles que desejarem investigar acerca da leitura em periódicos em história da educação.

FONTES

ABREU, S.E.A. de. O ensino da escrita, da leitura, do cálculo e da doutrina religiosa nas escolas de primeiras letras da província de Goiás no século XIX. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2008. v. 8 n. 3. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1465> Acesso em 13 dez. 2021.

ARANTES, A, S. Representações de negros em livros escolares de leitura utilizados nas escolas primárias pernambucanas (1843-1897). *Revista Brasileira de História da Educação*, 2013. v. 13 n. 2. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1398> Acesso em: 13 dez. 2021.

ARENA, D.B. Leituras de anarquistas brasileiros na primeira década do século XX. *Revista História da Educação*, 2006. Volume: 10. Nº: 19. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1285/showToc> Acesso em: 02 set 2021.

ARTIEDA, T.L. Contribuições da antropologia visual para a análise de leituras sobre povos indígenas Ou de como reduzir os inconvenientes de um estudo ‘isolado’ dos textos escolares. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2019. v. 20 n. 1. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1722> Acesso em: 13 dez. 2021.

BASTOS, M.H.C.; GARCIA, T.E.M. Leituras de formação - Noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira traduzindo madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras. *Revista História da Educação*, 1999. Volume: 3 Nº: 5 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1291/showToc> Acesso em: 02 set 2021.

BERTOLETTI, E.N.M.; SILVA, M.C. da. Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961). *Revista Brasileira de História da Educação*, 2016. v. 16 n. 1. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1462> Acesso em: 13 dez. 2021.

BORTOLANZA, A. M. E. (2015). A educação burguesa em viagens de Gulliver: apontamentos para uma leitura na perspectiva histórica do texto literário clássico. *Cadernos de História da Educação*, 2015. v. 14 n. 1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1289> Acesso em: 21 dez. 2021.

BOTO, C. Imprensa, escola e a forma da leitura em Portugal no século 19. *Revista História da Educação*, 1999. Volume: 3. Nº: 6. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1292/showToc> Acesso em: 02 set 2021.

CARVALHO, L.C.; STEPHANOU, M. O fim do livro? O que as escritas e os escritores virtuais nos auxiliam nessa discussão na perspectiva da história das práticas de leitura e escrita. *HISTEDBR On Line*, 2015. v. 15 n. 63. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/762> Acesso em: 16 dez 2021.

CASTRO, C.A.; CASTELLANOS, S.L.V. O catálogo como fonte para a história (do livro, da leitura e da educação) no Maranhão império. *Cadernos de História da Educação*, 2013. v. 12 n. 2. Disponível em:
<<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1073>> Acesso em: 21 dez. 2021.

CHARTIER, A-M. Os modelos contraditórios da leitura entre formação e consumo: da alfabetização à cultura de massa. *Revista História da Educação*, 2003. Volume: 7 Nº: 13. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1299/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

CHARTIER, A-M. Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2016. v. 16 n. 1. Disponível em:
<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1462>> Acesso em: 13 dez. 2021.

CORSETTI, B.; KLAUS, E.M.; ECOTEN, M.C.F. Discursos do poder, política educacional e os livros didáticos de leitura no Rio Grande do Sul (1930-1945). *Revista História da Educação*, 2009. Volume: 13. Nº: 28. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1264/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

CUNHA, M.T.S. A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940 – 1960/ Brasil-Portugal). *Revista Brasileira de História da Educação*, 2013. v. 13 n. 3. Disponível em:
<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1464>> Acesso em: 13 dez. 2021.

DASSIE, B.A. Diálogos entre autor e professor: uma leitura da "Arithmetica Elucidativa" de Nelson Benjamim Monção. *Cadernos de História da Educação*, 2018. v. 17 n. 1 Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1568>> Acesso em: 21 dez. 2021.

FILHO, C.A.P.G. Livrinhos que eram verdadeiros tesouros: leituras para crianças no Brasil imperial. *HISTEDBR On Line*, 2011. v. 11 n. 42. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/674>> Acesso em: 15 dez 2021.

FRADE, I.C.A. da S. As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, 2012. v. 12 n. 2. Disponível em:
<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1395>> Acesso em: 13 dez. 2021.

GIGLIO, C.M.B. Leitura e escrita no governo de homens e coisas. Província de São Paulo - Século XIX. *Cadernos de História da Educação*, 2019. v. 18 n. 3. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1898>> Acesso em: 21 dez. 2021.

GOULART, I. do C.V. Nas publicações sobre livros de leitura no início do século XX: traços de uma cultura material escolar. *Revista História da Educação*, 2017. Volume:

21. Nº: 52. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/2930/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

GOULART, I. do C.V. O ensino da leitura na produção escrita de Luiz Gonzaga Fleury, entre 1922 a 1936. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2015. v. 15 n. 2. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1404>> Acesso em: 13 dez. 2021.

GUALTIERI, R.C.E. Leituras de formação: raça, corpo e higiene em publicação pedagógica do início do século XX. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2008. v. 8 n. 3. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1465> Acesso em: 13 dez. 2021.

LUCHESE, T.A. ‘E não nos deixeis cair em tentação’: livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX) *Cadernos de História da Educação*, 2019. v. 18 n. 2. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1870>> Acesso em: 21 dez. 2021.

LUCHESE, T.A. Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945). *Revista História da Educação*, 2017. Volume: 21. Nº: 51. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/2822/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

MACHADO, M.C.G.; MARTINELLI, L.P. A formação moral e cívica das crianças brasileiras na Primeira República pela prática da leitura de livros infantis: uma análise de contos pátrios (1904). *HISTEDBR On Line*, 2017. v. 17 n. 2. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1435>> Acesso em: 16.12.2021.

MACHADO, M. O.; ROSSI, E.D.; NEVES, F.M. O discurso educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950). *HISTEDBR On Line*, 2012. v. 12 n. 45 Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/683>> Acesso em: 15 dez 2021.

MACHADO, M. O.; ROSSI, E.D.; RODRIGUES, E. Práticas de leituras escolares nos anos 20: Os usos do Almanaque Biotônico Fontoura. *HISTEDBR On Line*, 2013. v. 13 n. 52. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/686>> Acesso em: 15 dez 2021.

MARTINS, M.V.R.; REIS, A.S. dos. A biblioteca escolar no processo de escolarização da leitura: uma análise com foco no contexto do Movimento Escola Nova em Minas Gerais: 1920-1940. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2016. v. 16 n. 3. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1460>> Acesso em: 13 dez. 2021.

MENEZES, R.C.D. de. O problema do ensino da leitura no último quartel do século XIX: Portugal, Brasil e o debate sobre o par decadência/atraso. *Revista Brasileira de*

História da Educação, 2010. v. 10 n. 2. Disponível em:
<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1371>> Acesso em 13 dez. 2021.

MONAGHAN, E.J.; SAUL, E.W. O leitor, o escriba, o pensador: um olhar crítico sobre a história da instrução da leitura e da escrita nos Estados Unidos. (DOSSIÊ). *Cadernos de História da Educação*, 2016. v. 15 n. 1 Disponível em:
<<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1351>> Acesso em: 21 dez. 2021.

MORAES, J.D. "Leitura que recomendamos - o que todos devem ler": impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas. (DOSSIÊ). *Cadernos de História da Educação*, 2013, v. 12 n. 1. Disponível em:
<<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/994>> Acesso em: 21. dez. 2021.

MORTATTI, M. do R.L. Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino de leitura em São Paulo (1890-1920). *Revista História da Educação*, 1999. Volume: 3 Nº: 5 Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1291/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

NERY, A.C.B.; STANISLAVSKI, C. de F. A civilização no meio rural: o livro de leitura como instrumento modernizador. *Revista História da Educação*, 2011. Volume: 15. Nº: 35. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1462/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

NETO, J.A. da S.; STEINDEL, G.E. O clube de leitura: vigilâncias da escola nova em Santa Catarina (1944–1946). *HISTEDBR On Line*, 2016. v. 16 n. 70. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1382>> Acesso em: 16.12.2021.

OLIVEIRA, C.RG.A. de. João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal. *Revista História da Educação*, 1998. Volume: 2 n. 4. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1290/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

OLIVEIRA, F.R. de.; TREVISAN, T.A. Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: atuação da comissão revisora de 1918. *Revista História da Educação*, 2015. Volume: 19. Nº: 45. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/2414/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

ORLANDO, E. de. A. A biblioteca da catequista: vestígios da circulação internacional de modelos pedagógicos nas leituras prescritas para as professoras católicas. *HISTEDBR On Line*, 2014. v. 14 n. 58. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/691>> Acesso em: 15 dez 2021.

PANIZZOLO, C. Scuole italiane all'estero: livros de leitura para as escolas italianas no Brasil (São Paulo/SP- 1911-1931). *Cadernos de História da Educação*, 2019. v. 18 n. 2 Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1870>> Acesso em: 21 dez. 2021.

PAULILO, A.L. A leitura, o cinema e os processos educativos na obra de Jonathas Serrano: problemas metodológicos e precauções morais da pedagogia nos anos 1910-30. *Revista História da Educação*, 2002. Volume: 6. Nº: 11. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1297/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

PEREIRA, A. de C. Memória discursiva em manuais de leitura de meados do século XX - utilitarismo e individualismo na arte de ler. *HISTEDBR On Line*, 2019. v. 19 Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1587>> Acesso em: 16.12.2021.

PEREIRA, B.C. Um estudo sobre a leitura analytica (1909), de Theodoro de Moraes (1877-1956). *Revista História da Educação*, 2006. Volume: 13. Nº: 27. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1263/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

PEREIRA, M.H. de F.; SARTI, F.M. A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. *Revista História da Educação*, 2010. Volume: 14. Nº: 31. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1267/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

PERES, E. T. A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos “sem arquivos”. *Cadernos de História da Educação*, 2020. v. 19 n. 1. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1942>> Acesso em: 21 dez. 2021.

PERES, E. T. A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres ler? e Quero ler. *Revista História da Educação*, 1999. Volume: 3. Nº: 6. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1292/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

PERES, E. T. A série de livros de leitura para a América Latina no contexto da política do Institute of Inter-American Affairs (USA). *Revista História da Educação*, 2020. vol. 24. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/3885/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

PERES, E. T.; ARRIADA, E.; PEREIRA, L. A. B. A "Artinha de Leitura" de João Simões Lopes Neto (1907): um projeto para o ensino da leitura e da escrita. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2018. v. 18. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1504>> Acesso em: 16 dez 2021.

PERES, E. T.; RAMIL, C. de A. A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação. *Revista História da Educação*, 2015. Volume: 19. Nº: 47. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/2646/showToc>> Acesso em: 06 set 2021

PESAVENTO, S.J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *Revista História da Educação*, 2003. Volume: 7. Nº: 14. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1300/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

REIS, J.P.M.; GALVÃO, A.M.O. Práticas de leitura no centro psychico de Caetité, Bahia, Brasil (1905-1930). *Revista História da Educação*, 2020. vol. 24. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/3885/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

ROCHA, H.P. "Não devemos adotar indiferentemente qualquer livro de leitura": um estudo sobre os processos de seleção de livros para a escola primária paulista. *Cadernos de História da Educação*, 2013. v. 12 n. 2. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/1073>> Acesso em: 21 dez. 2021.

SANTOS, M.T. A questão da instrução/educação: uma leitura de 'A madrugada' [1911-1918]. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2013. v. 13 n. 1. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1397>> Acesso em: 13 dez. 2021.

SCHUELER, A.F. O Método Bacadafá: leitura, escrita e língua nacional em escolas públicas primárias da Corte imperial (1870-1880). *Revista História da Educação*, 2005. Volume: 9. Nº: 18. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1284/showToc>> Acesso em: 02 set 2021.

SEGURA, E.V. La escritura y la lectura en la morigeración de los corrigendos de la Ciudad de México en el siglo 19. *Revista História da Educação*, 2004. Volume: 8. Nº: 16. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1302/showToc> > Acesso em: 02 set 2021.

SERRANO-LÓPEZ, F.G. La operación del dispositivo de sexualidad en las identidades emocionales atribuidas a los niños en los libros de lectura españoles y colombianos en la primera mitad del siglo XX. *Revista História da Educação*, 2019. v. 23. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/2982/showToc> > Acesso em: 06 set 2021.

SILVA, A.C.C.N da.; PIETRI, E. de. A constituição do ensino de leitura em objeto de pesquisas acadêmicas no Brasil. *Cadernos de História da Educação*, 2021. v. 20. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/2066> > Acesso em: 21 dez. 2021.

SILVA, V.B. da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). *Revista Brasileira de História da Educação*, 2003. v. 3 n. 2. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1387>> Acesso em: 10 dez. 2021.

SOUSA, G.B.; CARVALHO, L.B.O.B; CARVALHO, C.H. de. A leitura no Brasil Colônia e suas (inter)relações com a contemporaneidade. *HISTEDBR On Line*, 2018. v. 18 n. 1. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1513>> Acesso em 16 dez 2021.

TAMBARA, E.A.C. A leitura escolar como construção ideológica: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906). *Revista História da Educação*, 2005. Volume: 9.

Nº 17. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1303/showToc> > Acesso em: 02 set 2021.

TREVISAN, T.A. O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d'Ávila: Práticas escolares (1940). *Revista Brasileira de História da Educação*, 2009. v. 9 n. 2. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1373>> Acesso em 13 dez. 2021.

VAHL, M. M.; VIEIRA, C. M.; PERES, E. T. Contratos de livros para o ensino da leitura e da escrita do programa do livro didático para o ensino fundamental – PLIDEF (1972). *HISTEDBR On Line*, 2014. v. 14 n. 58. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/691> > Acesso em: 15 dez 2021.

VELOSO, G.M; OLIVEIRA, G.C. Interdição de leitura e prescrição de textos para a infância e juventude montes-clarenses (1920-1950). *Revista História da Educação*, 2016. Volume: 20. Nº: 50. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/2684/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

WARDE, M. J.; PANIZZOLO, C. (2010). As fontes do método analítico de leitura de João Köpke (1896-1917). *Revista História da Educação*, 2010. Volume: 14. Nº: 30. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/1266/showToc>> Acesso em: 06 set 2021.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, M. H. C. O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. *Espacio, Tiempo y Educación*, 2016, 3(1), 43-59. doi: <http://dx.doi.org/10.14516/ete.2016.003.001.4>
- BITTAR, M. Vinte Anos da Sociedade Brasileira de História da Educação: Com Os Olhos No Futuro. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e071> Acesso em 14 jan. 2021.
- BRANDÃO, H. A., ALMEIDA, D. G. de., NUNES, H. C. B., & SOUZA, S. T. de. O Campo História da Educação a partir da análise da Revista de História e Historiografia da Educação (2017-2020) – UFPR. *History of Education in Latin America - HistELA*, 4, 2021 e23668.
- BUFFA, E. Os 30 anos do GT História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo. *37ª Reunião Nacional da ANPEd*. Florianópolis: UFSC, 2015.
- CARDOSO, C. F. S. Como elaborar um projeto de pesquisa. *Revista Trabalho Necessário*, v. 15, n. 28, 9 maio 2017. DOI: <<https://doi.org/10.22409/tn.15i28.p10563>>
- CAVALCANTI, V. O. M.; MEDEIROS NETA, O. M. de. A produção do conhecimento sobre educação profissional: o mapeamento dos artigos científicos no portal de periódicos da capes. In: III Colóquio Nacional - A produção do conhecimento em Educação Profissional, 2015, Natal. *Anais [...]* Natal, IFRN, 2015. p. 1-12.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
- CATANI, D.B.; FARIA FILHO, L.M.de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*, 2001.
- CHARTIER, A-M. 1980-2010: trinta anos de pesquisas sobre a história do ensino de leitura. Que balanço? In: MORTATTI, M. do R. L. (Org.) *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 49-67.
- CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990, p. 13-28.
- _____. *A História Cultural: entre as práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.
- _____. (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Literatura e cultura escrita: Permanência das obras, mobilidade dos textos, pluralidade das leituras. In: CHARTIER, R.; RODRIGUES, J. D.; MAGALHÃES, J. (Org.). *Escritas e Cultura na Europa e no Atlântico Modernos*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2020.

COMITTI, L. Leitura, saber e poder. In: EVANGELISTA, A. A. M. BRANDÃO, H. M. B. MACHADO, M. Z. V. (Org). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FERREIRA, N. S. de A. Pesquisa em leitura: um estudo de resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal de Campinas, SP: [s. n], 1999.

FISCHER, S. R. História da leitura. Trad. Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

GALVÃO, A. M.; MORAES, D. Z.; GONDRA, J. G.; BICCAS, M. DE S. Difusão, apropriação e produção do saber histórico: A Revista Brasileira de História da Educação (2001-2007). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 8, n. 1 [16] (2008), p. 171-234, 7 fev. 2012. Recuperado de <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38592>>.

GATTI JR, D.; ARAUJO, J. C. S. ; GONÇALVES NETO, W.; CARVALHO, C. H.; INÁCIO FILHO, G. Edição científica e estímulo à pesquisa no campo da educação: o percurso do periódico Cadernos de História da Educação (2002-2021). *Cadernos de História da Educação (online)*, v. 20, p. e059, 2021.

GATTI, B. A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de pesquisa*, n. 113. p. 65-81, julho, 2001.

GONÇALVES, A. L. Leitura e sedição: literatura e ação política no Brasil colônia. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LAJOLLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. 2. Ed. São Paulo, Editora Unesp Digital, 2019.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

MACHADO JR, C. DE S. Criação do GT de História da Educação na ANPUH. *Revista de História e Historiografia da Educação* - ISSN 2526-2378. Curitiba, Brasil, v. 1, n. 1, p. 255-256, janeiro/abril de 2017. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5380/rhhe.v1i1.49836255>> Acesso em 28 jan 2022.

MACHADO, M.C.G.; MARTINELLI, L.P. A formação moral e cívica das crianças brasileiras na Primeira República pela prática da leitura de livros infantis: uma análise de contos pátrios (1904). *HISTEDBR On Line*, 2017. v. 17 n. 2. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1435>> Acesso em 16.12.2021.

MORTATTI, M. do R. L. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas, n. 6, p. 69-77, out. 1999.

NASCIMENTO, M.N.M. EDUCAÇÃO E NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO NO BRASIL. Coleção: Navegando pela História da Educação Brasileira. *HISTEDBR*, 2006. n.p. Disponível em:
<<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/educacao-e-nacional-desenvolvimentismo-no-brasil>> Acesso em 24 jun 2023.

PESAVENTO, S. J. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. *Revista Diálogo Educacional*, vol. 6, n. 19, 2006.

SAVIANI, Dermeval. As Concepções pedagógicas na História da Educação Brasileira. *HISTEDBR*. Campinas, UNICAMP, 2005.

SILVA, M. G. da. O papel do historiador diante da pandemia. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*. Ano II, Vol. 3, n. 7, Boa Vista, 2020.

SOUZA, S. T. de. Historiografia Educacional no Brasil: reflexões a partir das publicações da Revista História da Educação (ASPHE, 1997-2006) e dos Cadernos de História da Educação (UFU, 2002-2011). *History of Education in Latin America – HistELA*, v. 2, e17794, 2019, p. 4 de 28

TORRES, L. H. O conceito de história e historiografia. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 8, p. 53-59, 1996. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23579>>. Acesso em: 10 nov. 2021]

ZILBERMAN, R. A leitura no Brasil: Sua história e suas instituições. Memória de leitura. UNICAMP, [200-?]. Disponível em:
<<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/index.htm>> Acesso em: 12 jun. 2023

APÊNDICES

Quadro 1 : Publicações contendo no título o descritor “leitura” – RHE-ASPHE

VOL	Nº	ANO	TÍTULOS	AUTORES
2	4	Jul. a Dez. 1998	João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal.	Cátia Regina G. A. de Oliveira
3	5	Jan. a Jun. 1999	Leituras de formação - Noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira traduzindo madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras.	Maria Helena Camara Bastos, Tania Elisa Morales Garcia
			Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino de leitura em São Paulo (1890-1920).	Maria do Rosário Longo Mortatti
3	6	Jul. a Dez. 1999	Imprensa, escola e a forma da leitura em Portugal no século 19.	Carlota Boto
			A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres ler? e Quero ler.	Eliane Teresinha Peres
6	11	Jan. a Jun. 2002	A leitura, o cinema e os processos educativos na obra de Jonathas Serrano: problemas metodológicos e precauções morais da pedagogia nos anos 1910-30.	André Luiz Paulilo
7	13	Jan. a Jun. 2003	Os modelos contraditórios da leitura entre formação e consumo: da alfabetização à cultura de massa.	Anne-Marie Chartier
7	14	Jul. a Dez. 2003	O mundo como texto: leituras da história e da literatura.	Sandra Jatahy Pesavento
8	15	Jan. a Jun. 2004	Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos 19 e 20) – (RESENHA).	Aliana Anghinoni Cardoso
8	16	Jul. a Dez. 2004	La escritura y la lectura en la morigeración de los corrigendos de la Ciudad de México en el siglo 19.	Enrique Vera Segura
9	17	Jan. a Jun. 2005	A leitura escolar como construção ideológica: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906).	Elomar Antonio Callegaro Tambara
9	18	Jul. a Dez. 2005	O Método Bacadafá: leitura, escrita e língua nacional em escolas públicas primárias da Corte imperial (1870-1880).	Alessandra Frota Martinez Schueler
10	19	Jan. a Jun. 2006	Leituras de anarquistas brasileiros na primeira década do século XX.	Dagoberto Buim Arena
13	27	Jan. a Abr. 2009	Um estudo sobre a leitura analytica (1909), de Theodoro de Moraes (1877-1956).	Bárbara Cortella Pereira
13	28	Maio a Ago. 2009	Discursos do poder, política educacional e os livros didáticos de leitura no Rio Grande do Sul (1930-1945).	Berenice Corsetti, Elisabete Magda Klaus, Márcia Cristina Furtado Ecoten
14	30	Jan. a Abr. 2010	As fontes do método analítico de leitura de João Köpke (1896-1917).	Mirian Jorge Warde, Claudia Panizzolo
14	31	Maio a Ago. 2010	A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares.	Mateus Henrique de Faria Pereira, Flavia Medeiros Sarti
15	35	Set. a Dez. 2011	A civilização no meio rural: o livro de leitura como instrumento modernizador.	Ana Clara Bortoleto Nery, Cleila de Fátima Stanislavski
19	45	Jan. a Abr. 2015	Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: atuação da comissão revisora de 1918.	Fernando Rodrigues de Oliveira, Thabatha Aline Trevisan
19	47	Set. a Dez. 2015	A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos	Eliane Teresinha Peres, Chris de Azevedo Ramil

			Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação (DOCUMENTOS/ACERVO).	
20	48	Jan. a Abr. 2016	O ensino dos jesuítas na Universidade de Évora: uma leitura dos primeiros estatutos.	Francisco António Lourenço Vaz (Portugal)
20	50	Set. a Dez. 2016	Interdição de leitura e prescrição de textos para a infância e juventude montes-clarense (1920-1950).	Geisa Magela Veloso, Gisele Cunha Oliveira
21	51	Jan. a Abr. 2017	Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945) – (Dossiê "Da Itália ao Brasil: processos educativos e formativos").	Terciane Ângela Luchese
21	52	Maio a Ago. 2017	Nas publicações sobre livros de leitura no início do século XX: traços de uma cultura material escolar.	Ilsa do Carmo Vieira Goulart
23	-	2019	O professor Amaro Cavalcanti e a imprensa do Ceará: uma leitura do intelectual no império brasileiro.	Fabiana Sena
			La operación del dispositivo de sexualidad en las identidades emocionales atribuidas a los niños en los libros de lectura españoles y colombianos en la primera mitad del siglo XX (ESPAÑOL).	Federico Guillermo Serrano-López (Colômbia)
24	-	2020	A série de livros de leitura para a América Latina no contexto da política do Institute of Inter-American Affairs (USA).	Eliane Peres (Brasil)
			Práticas de leitura no centro psychico de Caetité, Bahia, Brasil (1905-1930).	Joseni Pereira Meira Reis, Ana Maria Oliveira Galvão

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 2 – Publicações contendo no título o descritor “leitura” – RBHE-SBHE

VOL	Nº	ANO	TÍTULOS	AUTORES
2	1 [3]	Jan/Jun 2002 Publicado Fev. 2012	Leituras da Ilustração Brasileira: Célestin Hippeau (1803-1883)	Maria Helena Camara Bastos
3 ⁷⁰	2 [6]	Jul/Dez 2003 Publicado Fev. 2012	Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971).	Vivian Batista da Silva
			O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937) (RESENHA).	Maria Cristina Soares de Gouvêa
6	1 [11]	Jan/Jun 2006 Publicado Fev. 2012	A pedagogia de Sílvia Romero e as suas notas de leitura.	Jorge Carvalho do Nascimento
8	3 [18]	Set/Dez 2008 Publicado Fev. 2012	O ensino da escrita, da leitura, do cálculo e da doutrina religiosa nas escolas de primeiras letras da província de Goiás no século XIX.	Sandra Elaine Aires de Abreu
			Leituras de formação: raça, corpo e higiene em publicação pedagógica do início do século XX.	Regina Cândida Ellero Gualtieri
9	2 [20]	Maio/Ago2009 Publicado Fev. 2012	O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d'Ávila: Práticas escolares (1940).	Thabatha Aline Trevisan

⁷⁰ Dossiê: Memória do ensino de história da educação

10	2 [23]	Maio/Ago2010 Publicado Jan. 2012	O problema do ensino da leitura no último quartel do século XIX: Portugal, Brasil e o debate sobre o par decadência/atraso.	Roni Cleber Dias de Menezes
12	2 [29]	Maio/Ago2012 Publicado Nov. 2012	As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX).	Isabel Cristina Alves da Silva Frade
13	1 [31]	Jan/Abr 2013 Publicado Maio 2013	A questão da instrução/educação: uma leitura de ‘A madrugada’ [1911-1918].	Maria Teresa Santos
13	2 [32]	Maio/Ago2013 Publicado Set. 2013	Representações de negros em livros escolares de leitura utilizados nas escolas primárias pernambucanas (1843-1897).	Adlene Silva Arantes
13	3 [33]	Set/Dez 2013 Publicado Dez. 2017	A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940 – 1960/ Brasil-Portugal) – (DOSSIÊ ⁷¹)	Maria Teresa Santos Cunha
15	2 [38]	Maio/Ago2015 Publicado Jun. 2015	O ensino da leitura na produção escrita de Luiz Gonzaga Fleury, entre 1922 a 1936.	Ilsa do Carmo Vieira Goulart
16	1 [40]	Jan/Mar 2016 Publicado Mar. 2016	Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino – (DOSSIÊ) ⁷²	Anne-Marie Chartier
			Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961) – (DOSSIÊ) ⁷³	Estela Natalina Mantovani Bertoletti, Márcia Cabral da Silva
16	3 [42]	Jul/Set 2016 Publicado Ago. 2016	A biblioteca escolar no processo de escolarização da leitura: uma análise com foco no contexto do Movimento Escola Nova em Minas Gerais: 1920-1940.	Marcus Vinicius Rodrigues Martins, Alcenir Soares dos Reis
18 ⁷⁴		2018 Publicado Mar. 2018	A "Artinha de Leitura" de João Simões Lopes Neto (1907): um projeto para o ensino da leitura e da escrita.	Eliane Peres, Eduardo Arriada, Luís Artur Borges Pereira
19		2019 Publicado Abr. 2019	A Campanha Nacional de Educação dos Cegos: uma leitura a partir da imprensa jornalística dos anos 1960 e 1970.	Fernanda Luísa de Miranda Cardoso, Silvia Alicia Martínez
20 ⁷⁵	1	2020 Publicado Dez. 2019	Contribuições da antropologia visual para a análise de leituras sobre povos indígenas Ou de como reduzir os inconvenientes de um estudo ‘isolado’ dos textos escolares (Espanhol) – (DOSSIÊ) ⁷⁶ .	Teresa Laura Artieda

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Quadro 3 – Publicações contendo no título o descritor “leitura” – HISTEDBR On-line

VOL	Nº	ANO	TÍTULOS	AUTORES
9	33	Mar. 2009 Publicadoem	A tradição da civilidade nos livros de leitura no império e na primeira república (RESUMO)	Fabiana Sena

⁷¹ Dossiê: Palavras viajeras: circulação do conhecimento pedagógico em manuais escolares (Brasil/Portugal, de meados do século XIX a meados do século XX).

⁷² Dossiê: História da cultura escrita.

⁷³ Dossiê: História da cultura escrita.

⁷⁴ Publicação contínua.

⁷⁵ Publicação contínua.

⁷⁶ Dossiê: Questões metodológicas em manualística.

		Out. 2012		
11	41	Mar. 2011 Publicadoem Ago. 2012	A leitura em matemática: uma importante ação no processo de apropriação dos conceitos	Luciana Figueiredo Lacanallo, Silvia Pereira Gonzaga de Moraes, Nerli Nonato Ribeiro Mori
11	41e	Abr. 2011 Publicadoem Ago. 2012	Educação e trabalho: é possível uma leitura marxista sobre os discursos e práticas educacionais no campo?	Elianeide Nascimento Lima, Luiz Bezerra Neto
11	42	Jun. 2011 Publicadoem Ago. 2012	Livrinhos que eram verdadeiros tesouros: leituras para crianças no Brasil imperial.	Carlos Antônio Pereira Gonçalves Filho
12	45	Mar. 2012 Publicadoem Set. 2012	O discurso educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950).	Marcelo Oliano Machado, Ednéia Regina Rossi, Fátima Maria Neves
12	47	Set. 2012 Publicadoem Dez. 2012	Manifesto dos pioneiros de 1932: leituras de seus 80 anos	Antonio Bosco de Lima
13	52	Set. 2013 Publicadoem Dez. 2013	Práticas de leituras escolares nos anos 20: Os usos do Almanaque Biotônico Fontoura	Marcelo Oliano Machado, Ednéia Regina Rossi, Elaine Rodrigues
14	58	Set. 2014 Publicadoem Jan. 2015	Contratos de livros para o ensino da leitura e da escrita do programa do livro didático para o ensino fundamental – PLIDEF (1972)	Mônica Maciel Vahl, Cícera Marcelina Vieira, Eliane Peres
			A biblioteca da catequista: vestígios da circulação internacional de modelos pedagógicos nas leituras prescritas para as professoras católicas.	Evelyn de Almeida Orlando
14	60	Dez. 2014 Publicadoem Abr. 2015	Fernando de Azevedo (1894-1974): uma mesma obra e suas várias leituras – (DOSSIÊ) ⁷⁷	Silvia Helena Andrade de Brito, Maria Angélica Cardoso
15	63	Jun. 2015 Publicadoem Out. 2015	O fim do livro? O que as escritas e os escritores virtuais nos auxiliam nessa discussão na perspectiva da história das práticas de leitura e escrita.	Larissa Camacho Carvalho, Maria Stephanou
16	69	set. 2016 Publicadoem Fev. 2017	Série fontes: reflexões sobre as ideologias presentes nos textos de leitura (RESUMO)	Nicholas Cardoso Gomes da Silva
16	70	dez. 2016 Publicadoem Maio 2017	O clube de leitura: vigilâncias da escola nova em Santa Catarina (1944–1946).	José Augusto da Silva Neto, Gisela Eggert Steindel
17	2 [72]	abr./jun. 2017 Publicadoem Out. 2017	O ativismo de rappers e o “progresso intelectual de massa”: uma leitura gramsciana do rap no Brasil.	Bráulio Loureiro
			A formação moral e cívica das crianças brasileiras na Primeira República pela prática da leitura de livros infantis: uma análise de contos pátrios (1904).	Maria Cristina Gomes Machado, Laís Pacifico Martineli
18	1 [75]	jan./mar. 2018 Publicadoem Mar. 2018	A leitura no Brasil Colônia e suas (inter)relações com a contemporaneidade.	Gustavo Borges Sousa, Luciana Beatriz Oliveira Bar Carvalho, Carlos Henrique de Carvalho
18	4 [78]	out./dez. 2018 Publicadoem Nov. 2018	Educação escolar e transformação social: leituras de Manacorda e Mészáros.	Sérgio Antônio Zimmer, André Paulo Castanha

⁷⁷ Publicação faz parte do Dossiê apresentado nesta edição.

19 ⁷⁸		2019 Publicado em Mar. 2019	Memória discursiva em manuais de leitura de meados do século XX - utilitarismo e individualismo na arte de ler.	Anderson de Carvalho Pereira
------------------	--	-----------------------------------	---	------------------------------

Fonte: Criado pela autora, 2022

Quadro 4 – Publicações contendo no título o descritor “leitura” – CHE-UFU

VOL	Nº	ANO	TÍTULOS	AUTORES
2	-	2003 Publicado Fev. 2008	Leituras para professores: apropriação e construção de saberes nos manuais pedagógicos brasileiros escritos pelos "católicos" (1870-1971)	Vivian Batista da Silva
6	-	2007 Publicado Fev. 2008	A pulsação do pensamento de Foucault numa leitura-experiência (RESENHA)	Haroldo de Rezende
7	-	2008 Publicado Mar. 2009	O ensino de história da contemporaneidade: uma leitura dialógica (RESENHA)	Thamar Kalil de Campos Alves
12	1	2013 Publicado Jun. 2013	"Leitura que recomendamos - o que todos devem ler": impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas. (DOSSIÊ) ⁷⁹	José Damiro Moraes
12	2	2013 Publicado Mar. 2013	O catálogo como fonte para a história (do livro, da leitura e da educação) no Maranhão império.	Cesar Augusto Castro, Samuel Luis Velázquez Castellanos
			"Não devemos adotar indiferentemente qualquer livro de leitura": um estudo sobre os processos de seleção de livros para a escola primária paulista.	Heloísa Helena Pimenta Rocha
14	1	2015 Publicado Nov. 2015	A educação burguesa em viagens de Gulliver: apontamentos para uma leitura na perspectiva histórica do texto literário clássico.	Ana Maria Esteves Bortolanza
15	1	2016 Publicado Jun. 2016	O leitor, o escriba, o pensador: um olhar crítico sobre a história da instrução da leitura e da escrita nos Estados Unidos. (DOSSIÊ) ⁸⁰	E. Jennifer Monaghan, E. Wendy Saul
17	1	2018 Publicado Maio 2018	Diálogos entre autor e professor: uma leitura da "Arithmetica Elucidativa" de Nelson Benjamim Monção	Bruno Alves Dassie
17	2	2018 Publicado Ago. 2018	O estudo do manuscrito de João Köpke: um objeto de memória e história da leitura FERREIRA, N.S.A. Um estudo sobre "Versos para pequeninos", manuscrito de João Köpke. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2017. 275 p. (RESENHA)	Larissa de Souza Oliveira
18	2	2019 Publicado Ago. 2019	Scuole italiane all'estero: livros de leitura para as escolas italianas no Brasil (São Paulo/SP- 1911-1931) (DOSSIÊ) ⁸¹	Claudia Panizzolo
			'E não nos deixeis cair em tentação': livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX) (DOSSIÊ) ⁸²	Terciane Ângela Luchese
18	3	2019 Publicado Nov. 2019	Leitura e escrita no governo de homens e coisas. Província de São Paulo - Século XIX.	Celia Maria Benedicto Giglio

⁷⁸ Primeiro volume a adotar publicação contínua.

⁷⁹ Dossiê: Instrumentos do trabalho didático

⁸⁰ Dossiê: Tópicos de História da Educação nos Estados Unidos (entre os séculos XIX e XX)

⁸¹ Dossiê: Escolarização, livros escolares e movimentos migratórios

⁸² Dossiê: Escolarização, livros escolares e movimentos migratórios

19	1	2020 Publicado Fev. 2020	A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos “sem arquivos”.	Eliane Peres
20 ⁸³		2021	A constituição do ensino de leitura em objeto de pesquisas acadêmicas no Brasil.	Ana Cristina Champoudry Nascimento da Silva, Emerson de Pietri

Fonte: Criado pela autora, 2022

Quadro 5 – Publicações contendo no título o descritor “leitura” – RHHE/ANPUH

VOL	Nº	ANO	TÍTULOS	AUTORES
2	4	2018	Cidadania e Instrução no Império: uma leitura da modernidade brasileira.	Priscilla Verona
2	5	2018	A historiografia da educação brasileira a partir da leitura de periódicos científicos especializados: RBHE e HISTEDBR On Line (2000-2010).	Sauloéber Tarsio de Souza
			Cartografias da cidade (in)visível: setores populares, cultura escrita, educação e leitura no Rio de Janeiro imperial (RESENHA).	Giuslane Francisca da Silva

Fonte: Criado pela autora, 2022

Quadro 6: Publicações analisadas – RHE

Título	Autor (es)
Leituras de formação - Noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira traduzindo madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras.	Maria Helena Camara Bastos, Tania Elisa Morales Garcia
Imprensa, escola e a forma da leitura em Portugal no século 19.	Carlota Boto
A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres ler? e Quero ler.	Eliane Teresinha Peres
Leituras de anarquistas brasileiros na primeira década do século XX.	Dagoberto Buim Arena
Um estudo sobre a leitura analytica (1909), de Theodoro de Moraes (1877-1956).	Bárbara Cortella Pereira
Discursos do poder, política educacional e os livros didáticos de leitura no Rio Grande do Sul (1930-1945)	Berenice Corsetti, Elisabete Magda Klaus, Márcia Cristina Furtado Ecoten
A civilização no meio rural: o livro de leitura como instrumento modernizador.	Ana Clara Bortoleto Nery, Cleila de Fátima Stanislavski
A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação (DOCUMENTOS/ACERVO).	Eliane Teresinha Peres, Chris de Azevedo Ramil
Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945) – (Dossiê "Da Itália ao Brasil: processos educativos e formativos").	Terciane Ângela Luchese
Nas publicações sobre livros de leitura no início do século XX: traços de uma cultura material escolar.	Ilsa do Carmo Vieira Goulart

⁸³ Publicação contínua.

La operación del dispositivo de sexualidad en las identidades emocionales atribuidas a los niños en los libros de lectura españoles y colombianos en la primera mitad del siglo XX (ESPANHOL).	Federico Guillermo Serrano-López (Colômbia)
A série de livros de leitura para a América Latina no contexto da política do Institute of Inter-American Affairs (USA).	Eliane Peres (Brasil)
João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal.	Cátia Regina G. A. de Oliveira
Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino de leitura em São Paulo (1890-1920).	Maria do Rosário Longo Mortatti
O Método Bacadafá: leitura, escrita e língua nacional em escolas públicas primárias da Corte imperial (1870-1880).	Alessandra Frota Martinez Schueler
As fontes do método analítico de leitura de João Köpke (1896-1917).	Mirian Jorge Warde, Claudia Panizzolo
Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: atuação da comissão revisora de 1918.	Fernando Rodrigues de Oliveira, Thabatha Aline Trevisan
La escritura y la lectura en la morigeración de los corrigendos de la Ciudad de México en el siglo 19.	Enrique Vera Segura
A leitura, o cinema e os processos educativos na obra de Jonathas Serrano: problemas metodológicos e precauções morais da pedagogia nos anos 1910-30.	André Luiz Paulilo
Os modelos contraditórios da leitura entre formação e consumo: da alfabetização à cultura de massa.	Anne-Marie Chartier
O mundo como texto: leituras da história e da literatura.	Sandra Jatahy Pesavento
A leitura escolar como construção ideológica: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906).	Elomar Antonio Callegaro Tambara
A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares.	Mateus Henrique de Faria Pereira, Flavia Medeiros Sarti
Interdição de leitura e prescrição de textos para a infância e juventude montes-clarense (1920-1950).	Geisa Magela Veloso, Gisele Cunha Oliveira
Práticas de leitura no centro psychico de Caetité, Bahia, Brasil (1905-1930).	Joseni Pereira Meira Reis, Ana Maria Oliveira Galvão

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 7: Publicações analisadas – RBHE

Título	Autor (es)
Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971).	Vivian Batista da Silva
Leituras de formação: raça, corpo e higiene em publicação pedagógica do início do século XX.	Regina Cândida Ellero Gualtieri
As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX).	Isabel Cristina Alves da Silva Frade
Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961).	Estela Natalina Mantovani Bertoletti, Márcia Cabral da Silva

Contribuições da antropologia visual para a análise de leituras sobre povos indígenas Ou de como reduzir os inconvenientes de um estudo 'isolado' dos textos escolares (Espanhol).	Teresa Laura Artieda
A questão da instrução/educação: uma leitura de 'A madrugada' [1911-1918].	Maria Teresa Santos
A biblioteca escolar no processo de escolarização da leitura: uma análise com foco no contexto do Movimento Escola Nova em Minas Gerais: 1920-1940.	Marcus Vinicius Rodrigues Martins, Alcenir Soares dos Reis
A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940 – 1960/ Brasil-Portugal).	Maria Teresa Santos Cunha
Representações de negros em livros escolares de leitura utilizados nas escolas primárias pernambucanas (1843-1897).	Adlene Silva Arantes
O ensino da escrita, da leitura, do cálculo e da doutrina religiosa nas escolas de primeiras letras da província de Goiás no século XIX.	Sandra Elaine Aires de Abreu
O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d'Ávila: Práticas escolares (1940).	Thabatha Aline Trevisan
O problema do ensino da leitura no último quartel do século XIX: Portugal, Brasil e o debate sobre o par decadência/atraso.	Roni Cleber Dias de Menezes
O ensino da leitura na produção escrita de Luiz Gonzaga Fleury, entre 1922 a 1936.	Ilsa do Carmo Vieira Goulart
A "Artinha de Leitura" de João Simões Lopes Neto (1907): um projeto para o ensino da leitura e da escrita.	Eliane Peres, Eduardo Arriada, Luís Artur Borges Pereira
Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino.	Anne-Marie Chartier

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 8: Publicações analisadas – HISTEDBR On-line

Título	Autor (es)
Livrinhos que eram verdadeiros tesouros: leituras para crianças no Brasil imperial.	Carlos Antônio Pereira Gonçalves Filho.
Contratos de livros para o ensino da leitura e da escrita do programa do livro didático para o ensino fundamental – PLIDEF (1972).	Mônica Maciel Vahl, Cícera Marcelina Vieira, Eliane Peres
A biblioteca da catequista: vestígios da circulação internacional de modelos pedagógicos nas leituras prescritas para as professoras católicas.	Evelyn de Almeida Orlando
O clube de leitura: vigilâncias da escola nova em Santa Catarina (1944–1946).	José Augusto da Silva Neto, Gisela Eggert Steindel
A formação moral e cívica das crianças brasileiras na Primeira República pela prática da leitura de livros infantis: uma análise de contos pátrios (1904).	Maria Cristina Gomes Machado, Laís Pacifico Martineli
Memória discursiva em manuais de leitura de meados do século XX - utilitarismo e individualismo na arte de ler.	Anderson de Carvalho Pereira
O fim do livro? O que as escritas e os escritores virtuais nos auxiliam nessa discussão na perspectiva da história das práticas de leitura e escrita.	Larissa Camacho Carvalho, Maria Stephanou

A leitura no Brasil Colônia e suas (inter)relações com a contemporaneidade.	Gustavo Borges Sousa, Luciana Beatriz Oliveira Bar Carvalho, Carlos Henrique de Carvalho
O discurso educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950).	Marcelo Ollano Machado, Ednéia Regina Rossi, Fátima Maria Neves
Práticas de leituras escolares nos anos 20: Os usos do Almanaque Biotônico Fontoura.	Marcelo Ollano Machado, Ednéia Regina Rossi, Elaine Rodrigues

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Quadro 9: Publicações analisadas – CHE

Título	Autor (es)
Leituras para professores: apropriação e construção de saberes nos manuais pedagógicos brasileiros escritos pelos "católicos" (1870-1971).	Vivian Batista da Silva
"Leitura que recomendamos - o que todos devem ler": impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas. (DOSSIÊ).	José Damiro Moraes
O catálogo como fonte para a história (do livro, da leitura e da educação) no Maranhão império.	Cesar Augusto Castro, Samuel Luis Velázquez Castellanos
"Não devemos adotar indiferentemente qualquer livro de leitura": um estudo sobre os processos de seleção de livros para a escola primária paulista.	Heloísa Helena Pimenta Rocha
Diálogos entre autor e professor: uma leitura da "Arithmetica Elucidativa" de Nelson Benjamim Monção.	Bruno Alves Dassie
Scuole italiane all'estero: livros de leitura para as escolas italianas no Brasil (São Paulo/SP- 1911-1931) (DOSSIÊ).	Claudia Panizzolo
'E não nos deixeis cair em tentação': livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX) (DOSSIÊ).	Terciane Ângela Luchese
A educação burguesa em viagens de Gulliver: apontamentos para uma leitura na perspectiva histórica do texto literário clássico.	Ana Maria Esteves Bortolanza
Leitura e escrita no governo de homens e coisas. Província de São Paulo - Século XIX.	Celia Maria Benedicto Giglio
O leitor, o escriba, o pensador: um olhar crítico sobre a história da instrução da leitura e da escrita nos Estados Unidos. (DOSSIÊ).	E. Jennifer Monaghan, E. Wendy Saul
A aprendizagem da leitura e da escrita entre negros e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos "sem arquivos".	Eliane Peres
A constituição do ensino de leitura em objeto de pesquisas acadêmicas no Brasil.	Ana Cristina Champoudry Nascimento da Silva, Emerson de Pietri

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.